

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

MARIA DA PENHA DOS SANTOS

**ALÉM DO LUGAR COMUM
imagens clichês, fabulações poéticas e geografias menores
em Terra Vermelha – ES**

VITÓRIA

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Santos, Maria da Penha dos, 1962-

S237a Além do lugar comum : imagens clichês, fabulações poéticas e geografias menores em Terra Vermelha-ES / Maria da Penha dos Santos. – 2013.

126 f. : il.

Orientador: Antonio Carlos Queiroz Ó Filho.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Literatura e sociedade. 2. Minorias. 3. Hegemonia. 4. Violência - Terra Vermelha (Vila Velha, ES). 5. Clichês. I. Queiroz Filho, Antonio Carlos. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 91

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

MARIA DA PENHA DOS SANTOS

**ALÉM DO LUGAR COMUM
imagens clichês, fabulações poéticas e geografias menores
em Terra Vermelha – ES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.
Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Queiroz Filho.

**VITÓRIA
2013**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**“Além do Lugar Comum: Imagens Clichês,
Fabulações Poéticas e Geografias Menores em
Terra Vermelha-ES ”**

Maria da Penha dos Santos

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.


Aprovada em 30 de Agosto de 2013 por:



Prof. Dr. Antonio Carlos Queiroz o Filho- Orientador - UFES



Prof. Dr. Gisele Girardi – UFES



Prof. Dr. Eduardo José Marandola Jr. - UNICAMP



Prof. Dr. Wenceslão Machado de Oliveira Jr. – UNICAMP

AGRADEÇO...

A energia suprema que chamamos Deus, que me deu forças para enfrentar as dificuldades.

Em especial ao meu orientador Prof. Dr. Antonio Carlos Queiroz Filho que me fez ver que, além das teorias, há outras possibilidades de se ver e pensar o mundo e, principalmente pela paciência.

Aos colaboradores da Unidade Municipal de Ensino Alger Ribeiro Bossois, especialmente os (as) alunos (as) do Programa Mais Educação do turno vespertino, à monitora Paula, à Coordenadora do Programa Mais Educação Maria Zeni Banitz que nos recebeu com muito carinho e atenção. Agradeço, também, a diretora Maria de Fátima, pela grande contribuição nos permitindo o uso do espaço/tempo nessa escola.

Aos colegas do grupo de pesquisa “RASURAS”: Vitor Bessa, Hadassa Pimentel e, de maneira muito especial ao Rafael H. Borges e Lorena M. Aranha que durante a coleta de imagens enfrentaram o sol de verão e a poeira nas ruas de Terra Vermelha.

Ao amigo Prof. Dr. Jair M. Paiva pelo carinho e gentileza ao ler e fazer observações de efeito calmante.

À professora Dra. Gisele Girardi e ao Professor Dr. Eduardo J. Marandola Junior pelas contribuições apresentadas no momento da qualificação.

Ao amigo Mário Barbosa pela grande contribuição ao ceder as máquinas fotográficas para a realização deste trabalho.

A todos os (as) professores (as) do Mestrado que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

À Izadora, secretária do programa que sempre nos acolheu com muito carinho, oferecendo o prazer de uma boa conversa e um cafezinho.

À diretora e a vice diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Stélida Dias pela compreensão dispensada durante este trabalho.

Aos meus colegas de curso, com os quais aprendi muito.



É CONTANDO NOSSAS HISTÓRIAS QUE DAMOS A NÓS MESMOS, UMA IDENTIDADE, RECONHECEMOS-NOS, A NÓS MESMOS NAS HISTÓRIAS QUE CONTAMOS SOBRE NÓS MESMOS, E É PEQUENA A DIFERENÇA SE ESTAS HISTÓRIAS SÃO VERDADEIRAS OU FALSAS, TANTO A FICÇÃO COMO A HISTÓRIA VERIFICÁVEL, NOS PROVEM DE UMA IDENTIDADE.

PAUL RICOER

RESUMO

Certos de que há várias possibilidades de se apresentar um lugar, o propósito deste trabalho é buscar por meios para expressar outras formas geográficas de se pensar estar no mundo. A partir da linguagem fotográfica e da poesia, a nossa proposta que consiste em desterritorializar o discurso visual hegemônico, utilizando a literatura menor, na perspectiva de Deleuze e Guattari. Em nosso estudo tomamos como foco a “Região da Grande Terra Vermelha em Vila Velha/ES”. Apresentamos um lugar que, desde a sua origem, vem sendo destacado como violento em função do grande número de homicídios praticado na região e isso passou a se configurar como a única forma de se referir àquele lugar. Com base nos pressupostos pós-estruturalistas esse experimento tem a intenção de mostrar que há outras versões possíveis, principalmente àquelas que se dão por meio das fabulações poéticas. Ou seja, a ideia é promover uma grafia para além desse lugar comum, desterritorializando e rasurando a imagem padronizada.

Palavras-chave: fabulação - lugar - literatura menor - imagem hegemônica.

ABSTRACT

The certainty of the existence of various possibilities of presenting a place, the purpose of this work is the search for ways to express other geographical ways of thinking the being in the world. From the photographic language and poetry, our proposal is to deterritorialise the hegemonic visual discourse, using the minor literature, from the perspective of Deleuze and Guattari. In our study, we focused on the “Grande Terra Vermelha” region, in Vila Velha City/ES”. This region is presented as a place where, since its origin, has been highlighted as violent due to the large number of murders committed in the region. Based on post-structuralist presuppositions, this experiment intends to show that there are other possible versions, especially those that occur through the poetic fables. In other words, the idea is to promote a representation beyond the commonplace, deterritorializing and blurring the standard image.

Key-words: fable - place - minor literature- hegemonic image.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mindmap conceitual da pesquisa.....	23
Figura 2 -	Mindmap analítico da pesquisa.....	25
Figura 3 -	Montagem de fotografias que destacam a violência no lugar.....	54
Figura 4 -	Montagem de fotografias das pessoas do lugar.....	66
Figura 5 -	Fotografia das crianças do lugar.....	67
Figura 6 -	Fotografia dos moradores do lugar.....	67
Figura 7 -	Fotografia do menino.....	68
Figura 8 -	Montagem dos animais do lugar.....	69
Figura 9 -	Fotografia do passarinho.....	70
Figura 10 -	Fotografia do caracol.....	70
Figura 11 -	Fotografia do cavalo.....	71
Figura 12 -	Montagem de fotografias das construções.....	72
Figura 13 -	Fotografia do condomínio de casas.....	73
Figura 14 -	Fotografia da casa verde.....	74
Figura 15 -	Fotografia da casa pequena.....	74
Figura 16 -	Montagem de fotografias dos nomes e das palavras.....	76
Figura 17 -	Fotografia do muro da escola Gov. Christiano Dias Lopes.....	76
Figura 18 -	Fotografia das placas das lojas do lugar.....	77
Figura 19 -	Fotografia do nome da rua.....	77
Figura 20 -	Montagem de fotografias da vegetação de Terra Vermelha.....	79
Figura 21 -	Fotografia das árvores.....	80
Figura 22 -	Fotografia da vegetação.....	80
Figura 23 -	Montagem das fotografias que fogem ao enquadramento e das coisas do chão.....	82
Figura 24 -	Fotografia da mangueira.....	82
Figura 25 -	Fotografia do galho.....	83
Figura 26 -	Fotografias da sombra e do monte de terra.....	84
Figura 27 -	Fotografia dos pés.....	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Apresentação das categorias e poetas escolhidos.....	61
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Capítulo 01 – Lugar-descrição	
1.1 - Apresentação do Lugar.....	19
1.2 - Que lugar é esse que chamamos de <i>Grande Terra Vermelha</i> ?.....	21
1.3 - Sobre os caminhos da pesquisa.....	22
Capítulo 02 – Lugar-inquieto	
2.1 - Sobre a noção lugar.....	28
2.2 - Sobre o lugar como narrativa e versão	32
2.3 - Versões menores: o lugar de lugares.....	39
2.4 - O lugar na e com a política das imagens.....	41
2.5 - Foto-grafias, geo-grafias.....	47
Capítulo 03 – Lugar-incomum	
3.1 - Além do lugar comum: sobre as fotografias hegemônicas.....	51
3.2 - Além do lugar comum: a coleta de fotografias.....	55
3.3 - Além do lugar comum: estabelecendo relações.....	58
3.4 - Além do lugar comum: nossa experimentação.....	65
3.5 - Além do lugar comum: desencaixes e delírios.....	81
Capítulo 04 – Lugar-de-poesias	
<i>Terra Vermelha em poesia e imagem</i>	1 a 31
Devires	118
REFERENCIAS	122

INTRODUÇÃO

Em todo trabalho de pesquisa sempre há uma motivação, e para entender as minhas escolhas, as que proporcionaram este trabalho, faço um breve relato das minhas experiências, principalmente as que me fizeram chegar até aqui.

Ao longo de nossas vidas muitas histórias são acumuladas e contadas. Elas, de alguma forma, sedimentam nossas identidades. Para apresentar as motivações que me conduziram a esta pesquisa, apresento parte da minha história que pode ser contada assim: sou a terceira filha de uma família de seis irmãos. Nasci em Nova Venécia, no Norte do Estado do Espírito Santo, morei lá até os dois anos de idade, portanto, deste lugar não tenho lembranças. No início da década de 1960 meus pais, como muitos trabalhadores agrícolas, saíram do interior e vieram para a Grande Vitória em busca de trabalho, em função do processo migratório provocado pela política de erradicação das lavouras de café.

Logo que chegamos a Vila Velha meu pai foi trabalhar no Departamento de Obras do Estado e minha mãe ficou cuidando da casa e das crianças, só voltou a trabalhar bem mais tarde. Nossa primeira moradia foi uma casa de madeira bem grande no bairro Ilha da Conceição, próximo ao bairro *Paul*. Era um lugar muito bonito, contornado por manguezais. “Era”, porque hoje não resta quase nada da vegetação que compõe o manguezal. Foram tantos os aterros para dar lugar às novas moradias, que uma das pontes desapareceu e o bairro Ilha da Conceição deixou de ser uma ilha, permanecendo apenas o nome.

Morávamos de aluguel em uma casa que tinha um quintal muito grande, parecia uma chácara. Os donos cultivavam nos fundos junto ao manguezal dois criadouros de peixes um de robalo e outro de cará. Também havia uma criação de rãs, uma granja de galinhas, um pomar com bananeiras, pés de café, muitas árvores e um enorme pé de cajá que ainda permanece no local até hoje.

Os anos que passei ali pareciam mágicos, brincávamos no mangue com tudo que ali existia. Como não tinha permissão para brincar na rua, o jeito era pular a cerca escondido e ir até ao final da rua próximo ao mangue para me divertir brincando perto da ponte. Foi ali que comecei a ter contato com as imagens que nunca saíram da minha memória, as primeiras casinhas de madeira com pernas

bem compridas avançando para dentro do manguezal. Nesse amontoado de casinhas havia um labirinto de pinguelas estreitas servindo de caminho ligando-as à rua. A maioria das crianças que moravam ali ficava pendurada nas janelas assistindo ao movimento, porque não tinham onde brincar.

Alguns anos depois mudamos para o Ataíde, também não tenho muitas lembranças deste lugar, moramos ali por pouco tempo. Nessa época, as imagens que ficaram na minha memória foram da escola onde estudei até a quinta série. Nesse período tive o primeiro contato com a poesia, foi quando a professora me deu a missão de apresentar um poema exaltando a chegada da primavera e a beleza dos ipês. Fiquei muito assustada, as pernas tremiam, afinal tinha que falar pela primeira vez para escola toda, foi tão intenso que nunca mais deixei de observar a beleza das manhãs de setembro e o encanto dos ipês floridos. Em minha trajetória de vida fui percebendo que as poesias e os poetas podem variar, mas são nos devaneios poéticos que nossa vida passa a valer mais.

Assim que concluí o Ensino Fundamental na Rede Municipal, fui para a Escola de Segundo Grau Dr. João dos Santos Neves, lá fiz dois cursos de Ensino Médio, um em Técnico em Administração e outro em Magistério. Do último eu não gostava, dizia que nunca iria ser professora, fui fazer esse curso para não ficar em casa. Nessa época comecei a estudar à noite, pois já trabalhava durante o dia. Voltei à escola porque sentia necessidade de estar em contato com alguma forma de aprendizado. Enquanto pensava em ingressar no ensino superior cheguei a começar um terceiro curso de Ensino Médio, esse eu não terminei porque consegui entrar na universidade.

Durante o período em que cursei o Ensino Médio precisava passar por dois caminhos para chegar até a escola, um deles é uma rua que dá acesso a um local de ocupação informal, conhecido como favelinha. A orientação que recebia em casa era que nunca deveria passar por lá sozinha. Isso me incomodava, achava estranho, afinal os moradores eram somente pessoas pobres. Não obedecia, passava por lá muitas vezes e nada aconteceu.

Gostava de estudar, mas não tinha pressa em fazer um curso superior, pois também gostava muito de viajar. Ainda gosto, só que agora faço de maneira planejada. Quando mais jovem fazia tudo no ímpeto, tinha que vasculhar as

cidadezinhas do Estado nos finais de semana e sempre que podia viajava para outros Estados mais próximos como, Rio de Janeiro, Minas Gerais ou São Paulo. O importante era procurar por lugares que ainda não conhecia. A meta era conhecer o Brasil todo, ainda não consegui, falta parte da região Norte e da Nordeste. Como não desisti ainda, espero continuar essa empreitada.

Na Universidade Federal do Espírito Santo, só consegui entrar após três tentativas, não foi tão emocionante, pois já tinha mais de vinte anos e achava que isso era uma obrigação e não uma conquista. Nas duas primeiras tentativas eu queria fazer outro curso, pois, como já mencionei, não tinha nenhum interesse na carreira do magistério. Como não passei no curso que desejava, procurei um curso noturno e, ao me informar sobre as Ciências Sociais achei interessante, porque imaginava que ali haveria respostas para compreender as injustiças sociais.

No período da graduação enfrentei uma jornada muito intensa, pois o curso era todo no noturno e eu trabalhava durante o dia. Porém, mesmo com todas dificuldades procurava participar de todas as atividades organizadas pelo Colegiado do Curso e Centro Acadêmico.

Ainda no decorrer do curso de graduação, em 1996, fui trabalhar na Secretaria de Ação Social de Vila Velha, monitorando adolescentes com idade entre 12 e 17 anos, todos em situação de vulnerabilidade social. Neste trabalho, notava que a maioria dos registros de atendimentos era de crianças que viviam nas ruas, mas todas com famílias que moravam na Região de Terra Vermelha. Como esse abrigo era na Praia da Costa, ouvia muitos comentários dos moradores vizinhos rejeitando as crianças. Ficava indignada. Permaneci ali somente um ano, tive que deixar esse trabalho porque a jornada era de doze horas por dia e isso prejudicava a graduação.

Ao terminar a graduação, fiz duas especializações, a primeira em “Docência Superior” na Universidade Cândido Mendes concluindo com o texto, “As conquistas das mulheres no trabalho e na educação - uma análise histórica” e a segunda em “Ciências Humanas e Desenvolvimento Regional”, oferecida pela Universidade Federal do Espírito Santo. Conclui o curso apresentando como trabalho final o texto “Políticas Públicas: ocupação desordenada em Vila Velha”.

Após muita resistência não consegui mais evitar a sala de aula, em 1998 por questões financeiras fui atraída pelo magistério. Comecei a ministrar aulas de Geografia e Sociologia numa escola do bairro Marcílio de Noronha em Viana. Dois anos depois fui trabalhar em Cristovão Colombo, numa escola grande que além de atender às crianças das proximidades, recebia alunos de Terra Vermelha, pois na época ainda não havia escolas naquela região. Foi a partir daí que comecei a perceber que a maioria das crianças que moravam em ocupações informais não falava sobre seus bairros.

Quando deixei a escola de Cristovão Colombo fui trabalhar em Santa Rita, bairro que também se originou de uma ocupação informal. Ali não havia muito problema de identificação com o lugar, pois as crianças eram todas da mesma origem e condição socioeconômicas.

Em 2004, quando fui trabalhar numa escola do Município no bairro Vale Encantado, também notava que as crianças eram filhos (as) de moradores (as) de ocupações informais não gostavam de revelar o lugar onde moravam. Pois era comum os apelidos de “favelados”.

Dois anos depois, em 2006, passei no concurso da Prefeitura Municipal de Cariacica para atuar num Projeto da Secretaria de Educação que tem como objetivo a implantação dos conhecimentos de “Filosofia e Ciências Sociais na Educação Infantil e no Ensino Fundamental”. Nesse mesmo ano deixei de atuar diretamente em sala de aula para assumir a coordenação das atividades culturais no Programa Escola Aberta¹, na Secretaria de Educação de Vila Velha. O programa tem como propósito atender à juventude, em regiões de vulnerabilidade social nos finais de semana. No decorrer dos anos seguintes outros programas foram sendo agregados formando o que chamamos hoje de Educação Integral².

Durante toda minha trajetória de trabalho nas escolas, ora em sala de aula, ora acompanhando projetos, pude partilhar de inúmeros diálogos que mostram as amarguras da pobreza. Nesses contatos, notava que os vários rótulos produzidos

¹Programa do Ministério da Educação e Cultura (MEC) que tem por finalidade manter as escolas abertas nos finais de semana para atender à comunidade com atividades culturais, esporte, lazer e geração de renda. Tem como público alvo jovens de 14 a 25 anos.

²Programa do MEC/FNDE em parceria com os municípios, envolvendo o Programa Mais Educação, Programa Escola Aberta, PST, PSE e outros.

para tratar as pessoas que moram em áreas de muita pobreza sempre me incomodavam e conduziam aos espaços de discussões sobre o assunto.

Reiteramos que, além das histórias acumuladas durante minha vida, foi observando que muitas crianças de lugares de ocupação informal não gostavam de falar sobre seus locais de moradia e, por ter acompanhado o surgimento da região de Terra Vermelha que o interesse por essa temática foi sendo despertado em mim, levando ao delineamento desta pesquisa.

O texto foi organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo apresentamos como se deu o processo de formação da Região da Grande Terra Vermelha e suas particularidades. Destacamos, também, os caminhos percorridos para realizarmos este trabalho, apontando, no mapa conceitual, os autores nos quais apoiamos nossos argumentos e no mapa analítico as etapas percorridas para a produção de nossas fabulações poéticas.

No segundo capítulo procuramos mostrar as concepções de Doreen Massey sobre o lugar, o discurso pós-modernos que aponta a “narrativa menor” como possibilidade produção de muitas versões, a linguagem fotográfica como recurso que nos permite ler e dar significado ao lugar às coisas que nos cercam.

Apresentamos, no terceiro capítulo, as imagens hegemônicas que serviram de base para nossas argumentações, os procedimentos metodológicos para a coleta das fotografias, e como se deu o desenvolvimento do nosso experimento na prática. Também ressaltamos, nessa parte, as fotografias e poesias que nos levaram às fabulações poéticas que nos remeteram ao lugar imaginário.

No quarto e último capítulo, como resultado deste experimento, apresentamos as imagens e as poesias que nos levaram ao encontro do lugar poético, o “caderno de poesias” e os devires desta pesquisa.

CAP. 01

lugar descripto

1.1 APRESENTAÇÃO DO LUGAR

Desde o final da década de 1960, entre os inúmeros problemas que se evidenciaram no processo de urbanização da Grande Vitória, o déficit de moradia tem sido um dos mais relevantes, pois incide diretamente sobre grande parte da população de baixa renda. A falta de Políticas Públicas que assegurem o direito à habitação em consonância com outros fatores como o desemprego, os baixos salários, e a especulação imobiliária, têm provocado nos últimos anos uma explosão de ocupações informais, bem como a aquisição de imóveis de baixo valor comercial no entorno das grandes cidades.

A constituição de aglomerados urbanos de baixo custo evidencia o descaso das instituições públicas em relação aos menos favorecidos. Tais constatações podem ser reforçadas nas reflexões Ermínia Maricato (2003) sobre as desigualdades sociais nas grandes cidades. Segundo a autora, ao cidadão “é admitido o direito à ocupação, mas não o direito à cidade” (MARICATO, 2003, p. 157), compreendendo que o direito à cidade nos remete a ideia de habitar com dignidade, com infraestrutura e garantia a segurança, saúde, educação.

O rápido crescimento do Espírito Santo, juntamente com a crescente onda de imigração campo-cidade na década de 1960, provocaram mudanças significativas na região urbana da Grande Vitória. Os impactos da desestruturação agrária foram percebidos rapidamente no setor urbano, pois, sem infraestrutura adequada, o setor urbano passou a receber a população que se deslocava da área rural. No entorno da capital concentrava grande parte da população pobre em busca de trabalho no setor industrial. O processo de industrialização proposto pelo Estado “provocou efeitos negativos, com a marginalização dos trabalhadores menos qualificados, acentuando as desigualdades regionais e sociais” (SIQUEIRA, 2001, p. 93).

As dificuldades que marcaram a década de 1970 foram extremamente significativas no processo ocupação do solo, o que, conseqüentemente, contribuiu com a valorização do espaço urbano. A área nobre, como a orla marítima, ficou reservada à população de melhor condição financeira, enquanto a população mais pobre foi se acomodando na periferia. Nessa época, a região da Grande Vitória passou a experimentar os processos de ocupações dos morros, dos lixões e dos

manguezais. Vila Velha, por se tratar de um município próximo à capital, não conseguiu escapar dessa situação e mesmo sendo uma cidade com poucas empresas, na área industrial, absorveu grande parte da população com loteamentos desordenados sem condições satisfatórias de moradia.

A cidade se destacou na Região Metropolitana da Grande Vitória como grande atrativo para o estabelecimento de famílias de baixo poder aquisitivo. Segundo as pesquisas de Siqueira (2001) até a década de 1980 o município havia recebido um número significativo de trabalhadores assalariados vindos do interior. Segundo a autora, a região de Terra Vermelha, objeto desta pesquisa, teve a maior concentração de assentamentos subnormais³ do Estado. O cenário até hoje não mudou muito e Vila Velha continua crescendo rapidamente e ainda atraindo famílias assalariadas à procura de emprego e moradias de baixo custo.

Com isso, a Região⁴ da Grande Terra Vermelha ultrapassou a margem de 30 aglomerados subnormais, superando outras áreas do município, dentre os quais, 23 já foram reconhecidos oficialmente como bairros. Além de ser um lugar que tem atraído os menos favorecidos financeiramente, a região enfrenta graves problemas em relação ao número de homicídios envolvendo os jovens, o tráfico e outros problemas que envolvem as Políticas Públicas.

De acordo com as pesquisas de Siqueira (2001) as ocupações se deram da seguinte forma: Vila Velha recebeu na década de 80, uma média de 26 ocupações nas baixadas e manguezais e 8 nos morros, somando um total de 34 ocupações informais. Nesta mesma época Vitória recebeu 7 ocupações nas baixadas e manguezais e 25 nos morros, tendo um total de 32 ocupações. Enquanto isso Cariacica recebeu, nessa mesma época, nas baixadas, mangues e nos morros somente 11 ocupações informais. Serra ao contrário desses municípios, recebeu apenas 5 ocupações ao todo. Ou seja, nesse período, Vitória e Vila Velha eram as áreas que mais atraíam os assalariados. Siqueira (2001), também ressalta que além da migração do campo para a cidade, a pouca “oferta de habitações para a

³De acordo com os registros do IBGE, é considerado assentamento ou aglomerado subnormal cada conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais carentes que sejam originários de ocupação ilegal da terra sem infraestrutura básica. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/92/cd_2010_aglomerados_subnormais.pdf> Acesso em 10/04/2013.

⁴O termo “região” será utilizado somente para delimitar a área de estudo, pois desde o início da ocupação os moradores intitularam o lugar como Região da Grande Terra Vermelha.

população de baixa renda” (SIQUEIRA, 2001, p.151) foi um fator determinante para que as classes assalariadas se concentrassem em áreas mais afastadas e menos valorizadas dos municípios.

1.2 QUE LUGAR É ESSE QUE CHAMAMOS DE GRANDE TERRA VERMELHA?

Resultado de um rápido processo de transformação urbana, a Região da Grande Terra Vermelha é um trecho que se localiza próximo ao litoral, mais ou menos uns 20 km da sede do Município de Vila Velha - ES. Segundo relata Galvêas (2005), essa área, até o final da década de 1970 era conhecida como Mata do Juçará, parte da Mata Atlântica. O autor aponta que a área era toda recortada por pequenos rios, formando pequenas ilhas. Destaca também que mesmo com várias interferências externas, as características naturais ainda resistiram por um bom tempo. O mesmo lembra que foi somente a partir da construção da Rodovia do Sol que a localidade começou a receber especuladores imobiliários, alguns loteamentos foram estabelecidos, porém sem muito atrativo.

As primeiras famílias a ocuparem o bairro Terra Vermelha tomaram posse do lugar em 1977. Boa parte havia sido transferida de um local onde ficava a Adutora do Rio Marinho. A área destinada ao novo bairro fazia parte do Loteamento Brunella. A partir daí, outros bairros foram surgindo ao redor, formando os primeiros bairros da Grande Terra Vermelha, conhecida oficialmente como Região V.

Os registros⁵ da prefeitura apontam que no município em 2010 havia uma média de 61.485 habitantes vivendo em aglomerados subnormais, áreas onde predominam as ocupações informais com enorme precariedade de serviços públicos. Dados do IBGE⁶ também revelam que Vila Velha recebeu o maior número de assentamentos subnormais no Espírito Santo. Segundo os dados apresentados pelo Instituto Barramares, um dos bairros da Grande Terra Vermelha, foi considerado o maior assentamento informal do Estado e, em 2010 esse bairro

⁵Disponível em: <<http://web.observatoriodasmetroles.net/planosdiretores/produtos/es/ES%20-%20Relat%C3%B3rio%20Municipal%20n%C2%BA%2013%20-%20Mun%20Vila%20Velha%20-%20Carmen%20Julia%20-%20nov2009.pdf>>. Acesso em 10/02/2013.

⁶Dados disponíveis em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> acesso em 10/02/2013.

possuía uma média de 12.081 habitantes. Mesmo depois da explosão de assentamentos que se deu no final da década de 1980 e início 1990, a região continuou a receber moradores vindos de todo o Estado e Sul da Bahia.

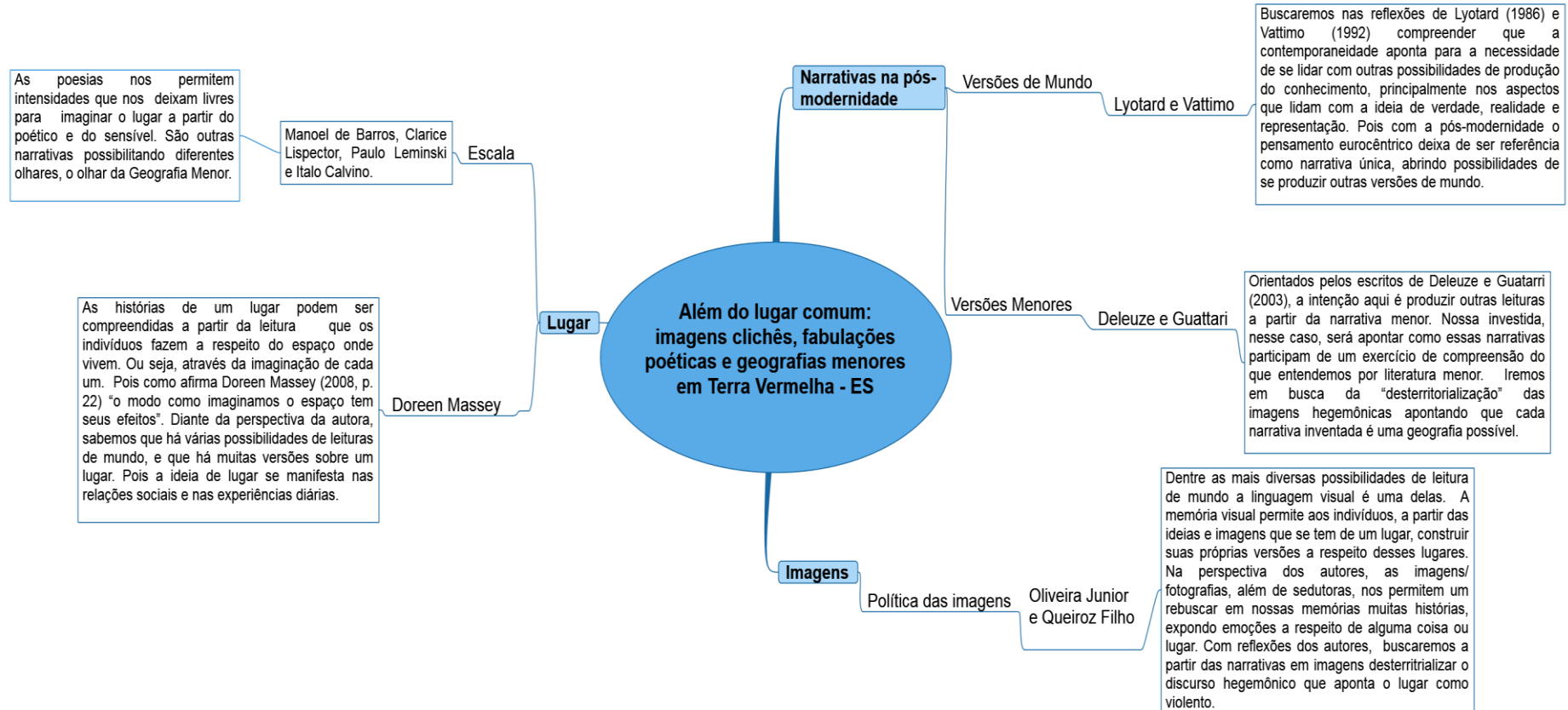
Sob a pressão dos vários movimentos pela moradia do Município, mais precisamente em 1988, o Governo do Estado foi acionado para desapropriar a área. Começou então a construção de um conjunto de casas, que iniciou na primeira etapa com 235 residências, parte de um total de 575 moradias. Em 23 de maio de 1989, o Governo do Espírito Santo entregou a primeira chave das casas de Terra Vermelha a moradora Dona Roxinha, sendo essa a data oficial do surgimento do bairro e a conclusão das casas viabilizadas pelo Poder Público se deu em março de 1991. Entretanto, cabe lembrar que, junto às obras do governo foram erguidas outras moradias, que deram continuidade à ocupação ilegal. Muitos moradores foram atraídos por políticos oportunistas, por loteamentos de baixo valor comercial, entre outros. Grande parte das construções que surgiram ilegalmente, as construções foram realizadas com um mutirão organizado pelos futuros moradores.

Em suma, tudo começou em um terreno com o solo de barro bem vermelho, e foi tomando a proporção de uma cidade. Entretanto, apesar dos diferentes nomes dados aos muitos bairros que formam a região, a referência ainda é Grande Terra Vermelha.

1.3 SOBRE OS CAMINHOS DA PESQUISA

Como apresentar o lugar desterritorializando o pensamento hegemônico? Essa é a pergunta mobilizadora desta pesquisa. Para sintetizar os percursos conceituais e analíticos que foram realizados, produzimos ao longo de todo o trabalho, dois tipos de “mapas”, os quais nos ajudaram a organizar as inúmeras etapas e procedimentos necessários, tanto nos aspectos ligados aos principais autores que dialogamos, bem como, o próprio procedimento metodológico como um todo. Nas figuras 1 e 2, apresentamos, respectivamente, a versão final do *mindmap* conceitual e do *mindmap* analítico da pesquisa.

Figura 1: MindMap Conceitual da Pesquisa.



Fonte: Os autores deste trabalho, 2012.

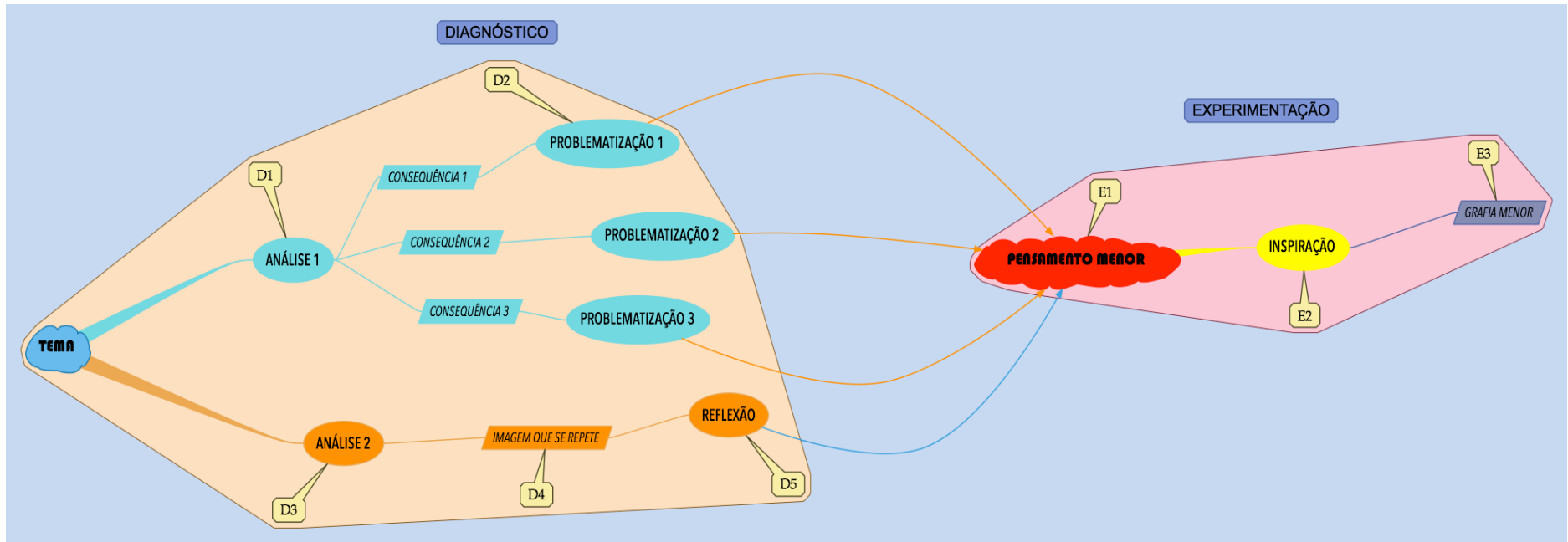
Nota da Figura 1:

- Este trabalho consistiu em um experimento na produção de “fabulações poéticas” sobre o lugar, nossa proposta foi orientada pelos escritos de Deleuze e Guattari (2003). Partimos do pressuposto de que as grandes narrativas perderam a referência de verdade única e as narrativas menores passaram a ser consideradas como possibilidades na produção do conhecimento. Nesse momento, nosso diálogo tomou nota das reflexões de Jean-François Lyotard (1986) e Gianni Vattimo (1992).

- Quanto a nossa busca por compreender o conceito de lugar, nos apoiamos nos escritos de Doreen Massey (2008). Segundo a mesma, “o modo como imaginamos o espaço tem seus efeitos” (MASSEY, 2008, p. 22), e as histórias de um lugar, nesse caso, podem ser compreendidas a partir da leitura que os indivíduos fazem a respeito do espaço onde vivem. Ou seja, a imaginação de cada um pode apontar para muitas versões de mundo ou de um mesmo lugar.

- Já no que diz respeito ao uso das fotografias como possibilidade de apresentação e leitura de um lugar, nosso diálogo será com os autores Wenceslao Oliveira Junior (2009) e A. Carlos Queiroz Filho (2010). Para ambos, as fotografias/imagens são recursos que além de sedutores, nos permitem um rebuscar em nossas memórias, vivências e histórias de vida expondo emoções a respeito de alguma coisa ou lugar. Permitem também ler e dar significado ao mundo e as coisas que nos cercam.

Figura 2: MindMap Analítico da Pesquisa.



Fonte: Os autores deste trabalho, 2012.

Nota da Figura 2:

- DIAGNÓSTICO

D1: Consiste em buscar identificar quais as principais consequências do pensamento hegemônico sobre o tema.

D2: A principal característica da "consequência" é o seu caráter reducionista, totalitário, dicotômico e de verdade absoluta. A partir disso, buscamos problematizar esse pensamento já estabelecido.

D3: Todo pensamento estabelecido tem uma grande imagem que lhe é correspondente. A maneira de conseguirmos identificá-la é pela redundância/repetição, o famoso "clichê". Aqui consiste um Segundo eixo da nossa análise.

D4: Procuramos, no maior banco de dados existente no mundo de hoje, pelas imagens associadas ao nosso tema/categoria.

D5: Após a coleta das imagens, identificamos, analisamos e problematizamos sobre a forma visual que se repete.

- EXPERIMENTAÇÃO

E1: Pensar além das estruturas hegemônicas, mas a partir delas mesmas, utilizando os pressupostos da literatura (pensamento) menor.

E2: A fórmula não é a mesma, pois não estamos lidando com a ideia de um modelo pronto a ser aplicável. Para nossa pesquisa, aquilo que nos serviu como "inspiração" foi a poesia de Manoel de Barros e a imaginação bachelardiana.

E3: Nossas rasuras (grafias menores) consistiram na produção de fabulações poéticas.

CAP. 02

lugar inquieto

2.1 SOBRE A NOÇÃO DE LUGAR

Como as construções simbólicas que participam da constituição das identidades perpassam pelos referenciais espaciais e materiais, a noção de “lugar” pode ser compreendida a partir da leitura que os indivíduos fazem, de acordo com as práticas cotidianas e as vivências acumuladas nas trajetórias de vida dos que compõem os grupos sociais que ocupam esse ambiente.

Tomando como base as proposições de Massey (2000), em seu artigo “*Um sentido global de lugar*”, podemos afirmar que a noção de lugar, enquanto espaço, é fundamental para entendermos como se dá a consolidação das relações sociais, políticas, econômicas e culturais. Pois, apesar das novas tecnologias se tornarem um grande atrativo para a promoção do individualismo na sociedade, considerando a internet e muitas outras possibilidades, as pessoas ainda vivem em contato umas com as outras, seja nas associações⁷, seja nas praças, nas ruas, nas relações diárias ou em outros locais. São nesses processos de interação que se manifestam as dinâmicas sociais, políticas e culturais, promovendo um sentimento de pertencimento a um determinado lugar. A autora, em suas argumentações sobre os efeitos da globalização nas discussões sobre o lugar, destaca que este,

[...] se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se estreitam num *lócus* particular [...], cada lugar pode ser visto como um ponto particular, único, dessa interseção. Trata-se, na verdade, de um lugar de *encontro*. Assim, em vez de pensar os lugares como áreas com fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais, mas onde uma grande proporção dessas relações, experiências e entendimentos sociais se constroem numa escala muito maior do que costumávamos definir para esse momento como lugar em si, seja uma rua, uma região, ou um continente (MASSEY, 2000, p. 184. Grifos nossos).

⁷Associações Políticas, Recreativas, Religiosas, entre outras.

Como o lugar se manifesta de forma relacional, ele é muito mais do que os limites estabelecido pelas demarcações físicas. Nas concepções de Massey (2000) constatamos:

- 1) um lugar não estático, dinâmico, com múltiplas interações;
- 2) sem fronteiras, embora elas sejam necessárias em certos estudos;
- 3) sem uma identidade única ou singular, pois são cheios de conflitos internos;
- 4) nada disso nega ao lugar a importância da sua singularidade.

Além dos aspectos citados, a autora ressalta que não são apenas as forças econômicas que determinam nossa experiência de espaço e lugar, uma vez que, “há muito mais coisas determinando nossa vivência do que o capital” (MASSEY, 2000, p. 179).

Doreen Massey (2008), em seu livro *“Pelo espaço”* também ressalta que “o modo como imaginamos o espaço tem seus efeitos” (MASSEY, 2008, p. 22). A autora, ao discutir de maneira mais ampla as complexidades do conceito de espaço e lugar, deixa claro que não devemos distinguir espaço e lugar, pois são categorias que devem ser compreendidos com igual valor. São construções sociais integradas numa intrincada malha de relações socioculturais oriundas das histórias de cada um e, do profundo estoque simbólico e integrador da memória local. Nesta perspectiva, espaço e lugar são produto das relações sociais que se manifestam em um processo contínuo, numa multiplicidade de coexistências.

A autora, ainda, aponta que o conhecimento sobre a história da humanidade foi constituído a partir do pensamento europeu, após as sucessivas viagens colonialistas, o que nos levou “a conceber outros lugares, povos, culturas, simplesmente como um fenômeno ‘sobre’ essa superfície” (MASSEY, 2008, p. 23). Segundo a mesma, não se tratava de uma manobra sem intenção, uma vez que o pensamento eurocêntrico apontava para uma leitura de mundo baseada numa “trajetória única”, não permitindo a possibilidade de “coexistências simultâneas” estabelecendo uma noção de lugar submisso a uma fila na história. Nessa fileira todos avançariam em direção a um progresso pensado nos moldes europeu.

Ao contestar as concepções eurocêntricas, Doreen Massey (2008) ressalta em suas reflexões que as discussões sobre espaço vêm tomando outras configurações no debate da Geografia Contemporânea. Nesses debates o espaço se manifesta como lugar onde as formações identitárias aparecem como um produto das inter-relações, com múltiplas trajetórias, expondo a coexistência das muitas histórias existentes num mundo em constante transformação. A contribuição da autora nos possibilita uma leitura de mundo em que as relações geográficas, assim como as socioculturais, são reveladas em seus aspectos distintos, porém com suas múltiplas possibilidades.

Nesta pesquisa, priorizamos a categoria “lugar” por se tratar, também, de uma construção simbólica que passa pelos referenciais espaciais, culturais e materiais. Podemos ressaltar que a Grande Terra Vermelha é um lugar de trocas socioculturais e estas se manifestam nos modos de vida de cada um. Daí se considerarmos que os lugares possuem arranjos internos, incluindo uma dinâmica interna de jogos de poder, de interesses, sejam políticos, econômicos e culturais, que se dão nas relações diárias. Podemos então afirmar que o lugar que tomamos como objeto de estudo também se constitui em um processo que se dá a partir do encontro de múltiplas trajetórias e os mais diversos interesses.

Essas argumentações alinhadas às geografias das relações sociais e culturais, constituem mais um parâmetro para compreendermos as diversas leituras e as múltiplas possibilidades que constituem as formações identitárias que se manifestam no espaço/lugar.

Se as identidades, tanto as especificamente espaciais quanto as outras, são, de fato, construídas relacionalmente, então isto coloca a questão da geografia dessas relações de construção. Levanta questões da política dessas geografias e de nosso relacionamento e responsabilidades com elas, e faz surgirem, de modo contrário e, talvez, de maneira menos esperada, as geografias potenciais de nossa responsabilidade social (MASSEY, 2008, p. 31).

Assim como na perspectiva de Massey (2008), as identidades, nas análises de Harvey (1998), se manifestam através das nossas relações com o espaço e com

as imagens que temos a respeito deste, interferindo e permanecendo em nossas lembranças. O autor ainda ressalta que essas imagens retornam a nós constituindo registros comprimidos em nossa memória, e que,

[...] o ser, inundado pela lembrança espacial imemorial, transcende o Vir-a-ser; ele encontra todas as memórias nostálgicas de um mundo de infância perdida. Será esse o fundamento da memória coletiva, de todas as manifestações de nostalgias dependentes do lugar que infectam as nossas imagens do país e da cidade, de região, de ambiente e de localidade, de vizinhança e de comunidade? E se é verdade que o tempo sempre é memorizado não como fluxo, mas como uma lembrança de lugares e espaços vividos, a história deve realmente ceder lugar a poesia, o tempo e o espaço, como material fundamental da expressão social. Assim, a imagem espacial (em particular a evidencia da fotografia) afirma um importante poder sobre a história (HARVEY, 1998, p. 201).

Diante das constatações do autor, podemos dizer que o lugar é produto das inter-relações e está sujeito a muitas versões, o que conseqüentemente permite, também, as mais diversas narrativas e, é exatamente isso o que nos interessa. E, embora a região possua inúmeras dificuldades, dentre as quais a mais pertinente é o estigma da violência, vale lembrar que naquele lugar há também os afetos daqueles que podem nos mostrar que há outras versões, ou seja, aquelas que não são apresentadas pelos *mass media*.

Observando os estigmas que enfrentam os menos favorecidos, notava nas salas de aulas que a maioria das crianças escondia seus locais de residência com receio de serem rotuladas, uma vez que o peso desses rótulos era nítido. Quando os (as) alunos (as) omitiam seus endereços por se sentirem constrangidos diante das atitudes discriminatórias que lhes eram conferidas, evitavam ouvir os apelidos de “favelado” e de “terrão”, usado na época para identificar as crianças da região da Grande Terra Vermelha. Pois como já apresentado no início deste trabalho, foram lugares como esse, onde há muita pobreza e rótulos negativos, que o despertar por compreender e apresentar outras leituras se manifestou em mim.

Nosso propósito consiste tanto no entendimento dessa lógica hegemônica de caricaturar o lugar Terra Vermelha, como também, propor uma desterritorialização

dessa narrativa única estabelecida assumindo que os indivíduos que participam do lugar Terra Vermelha têm suas particularidades, seus sonhos e práticas cotidianas que se sustentam nos relacionamentos, nos vínculos sociais e nos laços afetivos que fazem dessa região um lugar escolhido e vivido com suas especificidades e singularidades.

São experiências e trocas que se dão sob a égide de um lugar que traz em si uma série de peculiaridades. Principalmente por ser originário de ocupação informal, com moradores oriundos de diversas regiões do país, estes trazem em seu capital cultural as mais inusitadas histórias. São histórias se fazendo e refazendo, num processo de multiterritorialização, tal como nos diz Haesbaert (2007), em suas proposições sobre as identidades territoriais e foi dentre as muitas narrativas, que buscamos por outros olhares que não sejam aqueles definidos pelos meios de comunicação de massa que apontam o lugar como violento. Há outras versões possíveis.

2.2 SOBRE O LUGAR COMO NARRATIVA E VERSÃO

*Buscando uma identidade substancial,
estável e sem falha,
encontrará uma identidade narrativa,
aberta e desestabilizadora*

Jorge Larrosa, Pedagogia Profana.

A pós-modernidade se caracteriza pela crítica à ideia de verdade, que por muito tempo foi uma arma utilizada na manutenção conhecimento como poder. Jean-François Lyotard (1986) aponta que se trata de um momento em que as grandes narrativas, nas quais baseamos nossos conhecimentos, deixam de ter a mesma credibilidade que tinham até então. A incredulidade em relação ao metadiscurso revela que há muitas “verdades”, e essas também são marcadas pela dúvida, pelas incertezas e pelo constante processo de construção e desconstrução. Nesta perspectiva abrem-se outros caminhos para estudos, principalmente aqueles que permitem investigações que levam em conta o multiculturalismo.

Segundo Lyotard (1986) o mundo por muito tempo foi interpretado por leituras que estiveram atreladas às teorias eurocêntricas. Nesse período o que prevalecia era a grande narrativa ou narrativa única. Com esses argumentos o autor ressalta que advento da pós-modernidade nos forneceu, através da tecnologia da informatização, uma pluralização de reivindicações que até então permanecia no anonimato. Com discurso dominante sendo colocado em xeque, outras vozes tomam seus lugares a partir da difusão dos meios de informação. Nesse contexto, a ideia de lugar, assim como qualquer outra tema, está sujeito a muitas interpretações.

O pensamento moderno, na perspectiva do autor, apresentava a ideia de que o discurso dominante baseado no eurocentrismo era referencial de conhecimento que norteava a ciência na modernidade. As mudanças ocorridas em função das novas tecnologias e da difusão da informação/conhecimento, via meios de comunicação de massa, afetaram a ciência, a arte, a literatura e os modos de vida, expondo fatos e concepções antes não consideradas o que conseqüentemente, afetou o modo de produção do conhecimento. Desde então, o modo de vida e os interesses dos pobres e excluídos passaram a fazer parte das muitas histórias que vêm sendo apresentadas nos livros, nos jornais, ou em qualquer meio de comunicação.

Nas constatações de Jean-François Lyotard, o “saber científico não é de todo o saber; ele sempre esteve ligado a seu conceito, em competição com outra espécie de saber, que para simplificar, chamaremos de narrativo” (LYOTARD, 1986, p. 12). Para o autor, alguns saberes são julgados “bons” porque estão submetidos a critérios estabelecidos por quem detém ou determina as normas que regulamentam os saberes a serem seguidos.

Nesta perspectiva, as mudanças que afetaram a modernidade foram pertinentes, pois ao se instaurar a crise da ciência, conseqüentemente se instaura a crise da verdade, o que por sua vez invalidou o enquadramento da ciência moderna enquanto detentora de uma única verdade. Neste contexto, ao eclodir as múltiplas verdades, as narrativas que envolvem os grupos excluídos se tornam visíveis, permitindo outras narrativas, por exemplo, as narrativas menores apresentadas por Deleuze e Guattari (2003).

De acordo com Lyotard (1986), as concepções da pós-modernidade expõem a necessidade de lidar com outras possibilidades de produção do conhecimento que em contraposição ao pensamento moderno, principalmente nos aspectos que lidam com a ideia de verdade, realidade e representação, nos remetem a uma multiplicidade de leituras a respeito de um mesmo lugar.

Nesta perspectiva, podemos afirmar que a pós-modernidade trouxe como proposta a eliminação das diferenças epistemológicas significativas entre os procedimentos científicos e os procedimentos políticos, uma vez que o saber não é apenas um conjunto de enunciados denotativos, mas acima de tudo, um conjunto de enunciados que se misturam às ideias de saber fazer, de saber viver, de saber escutar, ou seja, “aquilo que torna alguém capaz de proferir ‘bons’ enunciados denotativos” (LYOTARD, 1986, p. 36). O que conseqüentemente, nos leva a concluir e que,

[...] o saber em geral não se reduz a ciência, nem mesmo ao conhecimento. O conhecimento seria o conjunto dos enunciados que denotam ou descrevem os objetos, excluindo-se dos outros enunciados, susceptíveis de serem declarados verdadeiros ou falsos. A ciência seria um subconjunto do conhecimento (LYOTARD, 1986, p. 35).

Nota-se também que há outras características sobre o saber narrativo que merecem ser apontadas, e uma delas é que o conhecimento está ligado aos costumes e, que as possibilidades oferecidas pela nova concepção de ciência a partir da pós-modernidade nos apontam que a produção do conhecimento através dos “relatos permitem então, por um lado, definir os critérios de competência que são os da sociedade nas quais eles são contados, e, por outro lado, avaliar, graças a estes critérios, as performances que aí se realizam, ou podem realizar” (LYOTARD, 1986, p. 38).

O saber contido nas narrativas pode nos revelar, através da linguagem, que há uma diversidade de elementos para compreender o lugar, fornecendo “um indicativo de uma propriedade geralmente atribuída ao saber tradicional” (LYOTARD, 1986, p. 39). São saberes que assumem,

[...] 'postos' (remetente, destinatário, herói) [...] estas narrações veiculam, longe de ser exclusivamente às funções de enunciação, determina assim ao mesmo tempo o que é preciso dizer para ser entendido, o que é preciso escutar para poder falar e o que é preciso representar para poder se constituir no objeto de um relato (LYORTAD, 1986, p. 39).

No cotidiano, quando nos deparamos com o modo como as narrativas sobre os lugares de muita pobreza têm sido apresentadas pelos meios de comunicação, temos em mente que há uma multiplicidade de informações permeando o que a mídia vem nos apresentando como verdadeiro. Entretanto, cabe lembrar aqui que a mídia, apesar de ainda estar sujeita ao controle e manipulação de alguns grupos de interesse, também tem sido o meio mais importante para a propagação das informações que dizem respeito às reivindicações culturais e exposição do pensamento daqueles que na trajetória histórica da humanidade foram relegados pela narrativa dominante.

Portanto, se os meios de comunicação de massa se tornaram um instrumento que têm permitido aos grupos, considerados excluídos, a alcançarem visibilidade e a expor os desleixos e mazelas da sociedade, neles também encontramos a multiplicação dos espaços de debates. São nesses espaços que o lugar Terra Vermelha tem sido apresentado como lugar violento, mas também não podemos esquecer que são nestes mesmos espaços que encontramos a possibilidade de apresentar outras versões sobre os lugares. Deduzimos então que, se encontramos argumentos produzidos por um discurso dominante que, em geral, tende a estigmatizar ou excluir os mais pobres e os lugares onde vivem, podemos também apresentar versão fabuladora.

De facto, a intensificação das possibilidades de informação sobre a realidade nos seus mais variados aspectos torna cada vez menos concebível a própria ideia de uma realidade. Realiza-se, talvez, no mundo dos *mass media*, uma profecia de Nietzsche: no fim, o mundo verdadeiro transforma-se em fábula (VATTIMO, 1992, p. 13).

Nesta perspectiva, se consideramos a ideia de lugar e as imagens como elementos participantes das construções mentais que constituem o imaginário

social, podemos dizer que estas participam da nossa linguagem, recursos necessários para que a sociedade seja constituída, pois segundo Lyotard (1986),

[...] desde antes do nascimento [...] a criança humana já é colocada como referente da história contada por aqueles que a cercam e em relação à qual ela terá mais tarde de se deslocar. Ou mais simplesmente ainda: a questão do vínculo social, enquanto questão, é um jogo de linguagem, o da interrogação, que posiciona imediatamente aquele que a apresenta, aquele a quem ela se dirige, e o referente que ela interroga: esta questão já é assim um vínculo social (LYOTARD, 1986 p. 29).

As reflexões do autor nos permitem entender que os jogos de linguagens, principalmente a linguagem visual, estão sujeitos às pressões das mais variadas instituições, pois segundo o mesmo a narrativa obedece a “postos” que determinam os remetentes e os destinatários uma vez que “há coisas que devem ser ditas e maneiras de dizê-las” (LYOTARD, 1986, p. 31).

Tendo em vista as proposições do autor, a pós-modernidade abre possibilidades para a produção de saberes a partir das mais diversas narrativas. Portanto, ao levarmos em conta que o saber popular, atualmente, também está a dialogar com as metanarrativas, as versões consistem em uma proposta que do ponto de vista epistemológico se tornou um instrumento de poder para dar voz as muitas narrativas que versam sobre nossas relações diárias.

Os saberes extraídos do cotidiano podem estar carregados de formações positivas ou negativas, que por seu turno evidenciam por meio das narrativas que há uma política determinando as regras que os orientam, como por exemplo, o contador de história que “sempre começa [...] de forma fixa: Eis aqui a história” (LYOTARD, 1986, p. 38). Podemos imaginar então que os moradores do lugar Terra Vermelha também têm seus modos de versar sobre o lugar.

As versões, nesse caso, se tornam legitimadoras em sua função, por se apresentar como um ato de se descrever um fato, no caso, os fatos que se referem ao lugar Terra Vermelha, pois segundo o autor,

[...] o saber que estas narrações veiculam, longe de se ater exclusivamente às funções de enunciação, determina assim ao mesmo tempo o que é

preciso dizer para ser entendido, o que é preciso representar (LYOTARD, 1986, p. 39).

A partir dessas reflexões compreendemos que os escritos sobre o lugar também ocupam um posto e uma maneira de falar que nos indica um caminho que, a partir do enunciado denotativo, posiciona seu remetente como alguém que revela a ideia que se tem desse lugar expondo seus cantos e encantos, legitimando os saberes e a imaginação do povo que mora ali.

O modo de legitimação de que falamos, que reintroduz o relato como validade do saber, pode assim tomar duas direções, conforme represente o sujeito do relato como cognitivo ou prático: como um herói do conhecimento ou como um herói da liberdade. E, em razão desta alternativa, não somente a legitimação não tem sempre o mesmo sentido, mas o próprio relato aparece já como insuficiente para dar sobre ela uma versão completa (LYOTARD, 1986, p. 56).

As versões englobam produções que estão atreladas a saberes populares, pois a partir do momento em que os discursos dominantes começaram a sofrer os impactos das transformações tecnológicas o conhecimento e os conceitos de razão, verdade e totalidade também foram afetados. Neste momento instaura-se a busca por novos enquadramentos teóricos na produção do conhecimento.

Nas discussões sobre o que a pós-modernidade nos permite, Vattimo (1992), assim como Lyotard (1986), nos apontam como os avanços tecnológicos interferiram na produção do conhecimento proporcionando a legitimação de outros saberes. Rompendo com o discurso único produzido pelo ocidente, Vattimo (1992) em seu livro "*A sociedade transparente*", aponta também que esse período se caracteriza pela composição e decomposição de discursos difundidos pelos mais diversos meios de comunicação, revelando uma realidade com muitas outras possibilidades de versões em busca de credibilidade.

Neste sentido, os avanços das tecnologias da informação ao promover o rompimento com a ideia de história única, atrelada ao pensamento eurocêntrico, evidenciam a multiplicidade de pontos de vista, e estes apontam para uma emancipação da sociedade ligada a uma autoconsciência marcada pelo

"desenraizamento" que "é também, e ao mesmo tempo, libertação das diferenças, dos elementos locais" (VATTIMO, 1992, p. 14). Nesse momento, os excluídos tomam seus lugares na história da humanidade.

As proposições de Vattimo (1992), também nos permitem apontar que o modo como tem sido percebido e/ou apresentado o lugar Terra Vermelha, através das imagens destacadas pelos meios de comunicação, nos permitem discutir e apontar outras possibilidades de se falar sobre esse lugar, pois como nos propõe em seus argumentos, as novas tecnologias, além de nos proporcionar "a intensificação das possibilidades de informação sobre a realidade nos seus mais variados aspectos torna cada vez menos concebível a própria ideia de uma realidade" (VATTIMO, 1992, p. 13).

Embora, seja evidente que os avanços no mundo das comunicações promoveram uma "explosão e multiplicação de [...] de visões de mundo" (VATTIMO, 1992, p. 11), revelando as mazelas de uma sociedade que até então era orientada pelo discurso eurocêntrico, Vattimo (1992) ressalta que esses avanços não significaram uma sociedade mais consciente. Segundo o autor, as minorias ao tomar a palavra não tiveram uma emancipação política esperada, uma vez que os meios de comunicação de massa produzem e reproduzem uma multiplicidade de visões de mundo, muitas delas deturpadas ou caricaturadas.

A ideia de realidade pode ser inculcada pelos meios de comunicação podendo nos apresentar várias versões de mundo. Por exemplo, conceber um lugar como violento, utilizando o discurso da classe dominante, principalmente aquela que detém o capital e manipulam as informações, fato que pode acontecer quando se têm imagens ou discursos veiculados por segmentos que não vivenciam aquele lugar.

As novas tecnologias da informação nos permitem compreender que, com o surgimento das diversas narrativas e o rompimento com a ideia de história única, ressalta Vattimo (1992) é que surgem vários pontos de vista sobre um mesmo objeto, revelando que a história não segue em um curso unitário e um único destino. Nesta mesma perspectiva, Doreen Massey (2008), também aponta que vivemos em uma multiplicidade de coexistências. Nessa perspectiva podemos ressaltar que lugares como Terra Vermelha também fazem parte de uma trajetória com inúmeras

versões a serem contadas, mas ressaltamos: não nos interessa qualquer versão. É o que veremos a seguir.

2.3 VERSÕES MENORES: O LUGAR DE LUGARES

Orientados pelo que nos propõem Deleuze e Guattari (2003), em *“Kafka: para uma literatura menor”*, buscamos neste trabalho a possibilidade de uma (re) leitura do lugar Terra Vermelha a partir da produção de versões mais próximas das nossas vivências, amparamos nos pressupostos da Literatura Menor. Para os autores a “literatura menor não pertence a uma língua menor, mas antes, a uma língua que uma minoria constrói numa língua maior” (DELEUZE e GUATTARI, 2003, p. 38).

Para Deleuze e Guattari (2003), “o mesmo será dizer que ‘menor’ já não qualifica certas literaturas, mas as condições revolucionárias de qualquer literatura no seio daquela a que se chamam grande (ou estabelecida)” (DELEUZE e GUATTARI, 2003, p. 42). Os autores ressaltam que a noção de ‘menor’, enquanto concepção de literatura não é uma literatura com menor valor em relação a outra, e sim uma produção construída por uma minoria dentro de uma perspectiva maior.

Nesse contexto, as versões se tornam um meio que permitem explicitar aquilo que queremos dizer, tal como fez Kafka (2010) em *“A metamorfose”*. Escrever se torna um processo que está sempre em construção, nunca acabado, num devir que se assemelha ao devir animal, em constante transformação, criando outros caminhos para apresentar as narrativas de um grupo que por muitas vezes é tratado como excluído em função dos estigmas que lhes são conferidos. Portanto, o que estamos evidenciando, a partir dos escritos desses filósofos, é a proposta de construção de uma “fabulação” do lugar Terra Vermelha.

Fabular a partir das fotografias do lugar Terra Vermelha é participar de um exercício de compreensão onde produzir outras versões sobre o lugar, é também permitir que a minoria ganhe voz. Nesta perspectiva:

Iremos em busca da ‘desterritorialização’ dessas imagens-ícones (pensamento maior), fazendo o discurso hegemônico ‘gaguejar’, ‘deslizar’ na sua ânsia de *definir o que é* e passe a se reconhecer como um conjunto de versões menores (fabulações) do lugar Terra Vermelha, dentro daquela

versão maior (estabelecida): cada narrativa inventada, uma geografia possível (SANTOS e QUEIROZ FILHO, 2012, p. 5).

Se de um lado a narrativa “maior” é uma produção que se dá no contexto diário, fruto das políticas oficiais e dos discursos dominantes, por outro lado a narrativa ‘menor’, segundo Deleuze e Guattari (2003), não significa algo que está abaixo da palavra hegemônica ou que situa longe das imagens impostas por um grupo dominante. Ou seja, “é a possibilidade de fazer da sua própria língua um uso menor, supondo que ela é única, que ela seja uma língua maior ou que tenha sido. Estar na sua própria língua como um estrangeiro” (DELEUZE e GUATTARI, 2003, p. 54). Diríamos então que na literatura menor é que se encontra a resistência, a subversão e a militância diante do sistema.

Nossa primeira investida foi a desterritorialização, em que o “sair da submissão” significa caminhar por uma literatura menor, rizomática, que não esteja preocupada com a totalidade, e sim com o devir, onde o “colocar-se em movimento” é apontar “a saída, a linha de fuga” (DELEUZE e GUATTARI, 2003, p. 68). Nesse caso, as saídas para nós são as fabulações sobre o lugar, que a partir da narrativa menor, apontam para uma nova possibilidade, uma linha de fuga que permitem que estejamos bem próximos do contexto e da imaginação daqueles que participam e vivenciam o lugar, desterritorializando os argumentos dos discursos dominantes.

As linhas de fuga se estabelecem em um constante devir que segue traçando os seus próprios caminhos, tal como o faz Kafka nas cartas, nos romances e nas novelas. No nosso caso, traçar novos caminhos também é estabelecer uma trajetória tal como em um devir animal, o que na perspectiva dos autores é,

[...] fazer o movimento, traçar a linha de fuga em todas as suas positivities, transpor um limiar, atingir um *continuum* de intensidades que só são válidas por elas próprias, encontrar um mundo de intensidades puras, em que todas as formas se desfazem assim como as significações, significantes e significados, em benefício de uma matéria não formada, de fluxos desterritorializados, de signos a-significantes (DELEUZE e GUATTARI, 2003, p. 34. Grifo do autor).

Com a proposta dos autores, caminhamos num modo de grafia do espaço que buscou sair da submissão do discurso hegemônico. Apegamo-nos às “três categorias da literatura menor”, que são: “a desterritorialização da língua, a ligação do individual com o imediato político, o agenciamento coletivo de enunciação” (DELEUZE e GUATTARI, 2003, p. 41). Produzimos fabulações utilizando a linguagem fotográfica a partir do olhar das crianças. Nosso propósito, ao desterritorializar as imagens hegemônicas, consistiu em mover-se na direção a outros territórios que permeiam nossas concepções em relação ao lugar, destituindo o discurso hegemônico e a imagem que apresenta Terra Vermelha como um lugar violento e reterritorializá-la.

2.4 O LUGAR NA E COM A POLÍTICA DAS IMAGENS

A fotografia, antes de tudo é um testemunho. Quando se aponta a câmara para algum objeto ou sujeito, constrói-se um significado, faz-se uma escolha, seleciona-se um tema e conta-se uma história, cabe a nós, espectadores, o imenso desafio de lê-las.

Ivan Lima, fotógrafo.

Sabemos que a construção da ideia de um lugar se constitui em nosso imaginário a partir da percepção e dos conhecimentos que adquirimos tanto socialmente quanto culturalmente, pelas mais diversas linguagens, dentre as quais destacaremos a linguagem visual. Faremos uma breve reflexão para compreender como a ideia de um lugar pode estar ligada às imagens que se tem ou se fazem deste.

Oliveira Junior (2009), em seu texto “*Fotografias e conhecimentos do lugar onde se vive: notas sobre a linguagem fotográfica e atlas municipais escolares*” nos aponta que “a construção da ideia e da imagem de um lugar é resultante das inúmeras práticas sociais e discursivas que nele se desenvolvem ou a ele se referem” (OLIVEIRA JR., 2009, p. 2). Com isso o autor está a nos dizer que, a ideia de lugar se manifesta a partir da construção social, num processo permanente.

Pois as imagens constituem “muito do que nos educa os olhos e muito do que temos para educarmos a nós próprios e aos nossos próximos e distantes estudantes acerca do espaço geográfico” (OLIVEIRA JR., 2009, p. 2).

Reiteramos que ao lançar mão da linguagem visual, para compreender o que se pensa à respeito dos lugares se faz necessário levarmos em conta que “é a partir das ideias e imagens que temos dos diversos lugares que construímos o conceito de lugar” (OLIVEIRA JR., 2009, p. 2). Nessa linha de pensamento o autor também nos conduz a um modo de interpretar as práticas socioculturais que além de nos propor uma reflexão sobre o nosso modo de ver o mundo, nos permite,

[...] construir passagens. Esta seria uma das buscas das linguagens produzidas e utilizadas por homens e mulheres na compreensão do mundo? [...] essas passagens não só relacionam saberes, mas antes os aproximam e os misturam [...] promovem a constituição de percursos por outros saberes e práticas, permitindo-nos renovar e ampliar a experiência cotidiana formulando novos discursos e falas, ir e vir, percorrer, transitar, contaminar e ser contaminado (OLIVEIRA JR., 2009, p. 3).

Podemos dizer então, que é através da imaginação que cada um constrói suas versões a respeito deste ou daquele lugar, ancorados na linguagem visual, construindo as mais diversas narrativas, as poéticas, por exemplo. Ou seja, é em contato com o arcabouço visual, associados ao cotidiano que as experiências vão sendo acumuladas durante as trajetórias de vida de cada um compondo o imaginário social e as mais diversas versões sobre os lugares.

As fotografias/imagens também estão associadas à nossa memória visual, a exemplo, o autor nos aponta as imagens do Atlas, “como narrativa educativa se propõe a criar uma imagem da cidade mais coletiva, mais ampla, de modo a incluir muitas outras parcelas do território urbanizado no lugar identificatório” (OLIVEIRA JR., 2009, p. 4). O Atlas, nesse caso, com suas fotografias participam da construção de uma memória sobre o lugar e, também produz interações que comungam com as configurações mentais nos permitindo ler e significar o mundo. Nessa construção simbólica não há como separarmos as dimensões estéticas, das dimensões informativas ou políticas destas fotografias, nos lembra o mesmo.

O uso da fotografia/imagem nas práticas educacionais proporciona nos indivíduos, a partir da memória visual, a chance de “tornarem-se produtores de suas próprias versões da realidade, e a procurarem as maneiras e sutilezas com que as demais versões são construídas” (OLIVEIRA JR, 2009, p. 17). Daí o autor está anos propoz uma nova maneira de educar o nosso olhar diante do mundo, nos orientando, a partir do uso das imagens, como esses recursos educam os nossos olhos e conseqüentemente a nossa imaginação.

Ao apresentar as discussões sobre a linguagem fotográfica utilizada no atlas municipal percebemos o poder de sedução que tem as fotografias/imagens, quando compreendida como mecanismos que “participam da construção de uma memória sobre o lugar e vão participando da configuração de uma inteligência que nos permite ler e significar o mundo, as coisas e os lugares nele existentes” (OLIVEIRA JR., 2009, p. 17). Portanto, o que pretendemos aqui é evidenciar como as fotografia/imagens de um lugar interferem na construção do imaginário social, cultural e espacial.

As fotografias, nesta perspectiva, se tornam um mecanismo de apreensão do conhecimento que nos facilita a interpretação das muitas versões de realidade que nos cercam, uma vez que é contando com as sugestões daqueles que convivem conosco que podemos conhecer os outros olhares, os outros saberes, as outras experiências e principalmente, as outras versões sobre o lugar, nessa perspectiva o autor ressalta,

[...] que as fotografias, assim como qualquer obra humana, tem sua história e essa se cruza com as demais histórias daquilo que os homens e mulheres inventam e usam [...] e que uma obra não “contém em si uma verdade ou realidade em si mesma, mas uma versão dela, construída sob certas condições práticas e ideologias (OLIVEIRA JR., 2009, p. 19).

Oliveira Junior (2009), em seu texto “*Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores*”, aponta que “as imagens não só nos dizem de nosso mundo, mas também nos educam a ler este mundo a partir delas. Legítima, acima de tudo, a si mesmas como obras que dizem do real” (OLIVEIRA JR., 2009, p. 4). Nessa perspectiva as coisas, através da linguagem, são nomeadas ganhando existência.

Ou seja, as coisas são “ditas” ou “reescritas” por alguma linguagem inventada e utilizada pelos homens e mulheres na sua busca de compreender o mundo.

A partir dessas proposições temos ciência de que existem várias versões a respeito de um mesmo lugar. Nesta perspectiva, ao utilizarmos as imagens para apresentar as versões de um lugar, sabemos que as mesmas estão a nos convencer e seduzir a respeito de como aquele lugar tem sido apresentado diante de nós, criando amparos de credibilidade em seu interior, nos sugere Oliveira Junior (2009). O mesmo ressalta, entretanto, que as imagens são mecanismos que nos proporcionam informações visuais que, associadas a outros saberes, recebem a confiabilidade das informações contidas nos textos a elas relacionados ou associados. Para que esses mecanismos se tornem potentes em nossa memória visual as imagens são acionadas a partir das vivências cotidianas, nos indicando o que compreender a respeito de um *determinado* lugar.

Para falar das imagens do lugar, além dos argumentos de Oliveira Junior (2009) e Queiroz Filho (2010), as reflexões de Sandra Pesavento (2008), também nos apontam que a imagem, como parte da produção humana na construção histórica de um povo, reflete a relação do homem com a representação do real.

As imagens são fruto da ação humana, que interpreta e recria o mundo como representação, exercendo grande fascínio. As imagens são visuais, e carregam consigo esta condição especial que se realiza no plano dos sentidos, ao serem captadas e fixadas por um certo tempo na retina de quem vê. Imagens são, pois, traços de uma experiência sensorial e emotiva (PESAVENTO, 2008, p. 18).

O reflexo dessas imagens veiculadas pelos *mass media* diante da população demonstra que uma realidade pode ser desterritorializada a partir de outras narrativas, as fabulações poéticas, por exemplo. Pois se olharmos para as imagens veiculadas pela imprensa local, encontraremos nas narrativas fotográficas uma escolha que não passa pelo crivo daqueles que ali moram e, quando uma imagem nos é apresentada, cabe uma reflexão: “qual versão nos está sendo dada por essas imagens a que nos deparamos e que outras versões podem ser pensadas para também dizer sobre o lugar”? (QUEIROZ FILHO, 2010, p. 2). No nosso caso, a

versão sobre o lugar se encontra em consonância com as imagens que têm sido apresentadas, através das matérias, enfatizando a região como violento. O que encontrarmos nas matérias jornalísticas é o discurso hegemônico reduzindo a região a um único lugar, o da violência, sem distinguir o contexto e a parte do todo.

Por outro lado, a fotografia/imagem do lugar é uma proposta que assim como a escrita, está a nos remeter a outras leituras, uma vez que ninguém escreve ou fotografa para si mesmo. A escrita assim como a fotografia são ações direcionadas a outros na intenção de provocar alguma discussão, de registrar algum fato ou informação. Do ponto de vista geográfico essas duas linguagens (a escrita e a fotográfica) podem demonstrar também a distância, ou proximidade entre os fatos e o cotidiano daqueles que laçam mão dessas informações.

Sabemos que a linguagem fotográfica nos mostra apenas um fragmento de uma realidade, que por sua vez nem ela mesma é real, é um suporte daquilo que compreendemos como realidade. Nesse caso, a fotografia ao ser associada à poesia, se torna uma proposta que evoca, por meio da escrita, outras possibilidades diante do nosso imaginário sociocultural, suscitando outras narrativas, outras fabulações.

Como veremos no terceiro capítulo, nossa proposta de fabulação sobre o lugar segue a perspectiva de Deleuze e Guattari, pois esse experimento está sujeito a um devir que não procura uma conclusão. Trata-se de um movimento que nos permite perambular em outros territórios, o do sensível, por exemplo, onde o que nos preocupa não são as distinções entre o falso e verdadeiro, ou o certo e errado, mas, as (in) tensionalidades das poesias e fotografias apresentadas.

Temos ciência de que muitos jornais vivem do sensacionalismo, com isso podemos suscitar outro questionamento: será que as pessoas que moram em Terra Vermelha, ao entrar em contato com as imagens que falam sobre o lugar, acreditam que há outras possibilidades de falar do lugar que não seja a partir do medo e da violência?

Com este questionamento voltamos a ressaltar que as fotografias suscitam em nós outros pensamentos e/ou outras narrativas. Portanto, reiteramos que, é “a partir das ideias e imagens que temos dos diversos lugares que construímos o conceito de lugar” (OLIVEIRA JR., 2009, p. 2). Pois é a partir destes conceitos que

estabelecemos expectativas a respeito da hierarquia, dos valores, das necessidades, da dependência em relação aos diversos lugares que nos propõe uma cidade. Oliveira Junior (2009) ressalta, também, que pode existir várias versões de um mesmo lugar apresentadas por imagens/fotografias, mas todas estão buscando seduzir ou persuadir as pessoas do que vem a ser esse lugar.

Para reforçar nossas reflexões sobre o poder de sedução das imagens a respeito de um espaço ou lugar, recorreremos ao texto de Oliveira Junior (2004), “*Geografias de cinema*” em que o autor aponta que, ao assistir a um filme, “os espectadores vão, em movimento invertido, desadensando a imagem, espraiando-a em outros locais que sabem existentes para além das bordas do quadro cinematográfico [...] em dispersão nas memórias” (OLIVEIRA JR, 2004, p. 9).

De acordo com as argumentações do autor podemos dizer, também, que a imagem de um lugar/espaço pode ser percebida e/ou imaginada a partir das imagens e das vibrações de uma narrativa fílmica.

Oliveira Junior (2005), ainda ressalta em seu texto “*O que seriam as geografias de cinema?*” que a linguagem cinematográfica das imagens estão,

[...] a nos propor pensamentos acerca do espaço, não só resultante das ilusões literárias – verossimilhança visual e sonora – a uma realidade existente além do cinema, mas também de movimentos imaginativos resultantes do encontro inusitado nessas imagens e sons de outras formas de formas de conceber e viver o espaço como da existência humana (OLIVEIRA JR., 2005, p. 2).

O autor aponta, por exemplo, que as práticas educativas encaminham os alunos a tornarem-se produtores de suas próprias versões da realidade, e ao procurarem as maneiras e sutilezas com que as demais versões são construídas, com materiais e linguagens mais diversos, como as imagens do Atlas, dos filmes e das fotografias. E estas estão a nos dizer que “assim como qualquer obra humana, tem em suas histórias e essas se cruzam com as demais histórias daquilo que os homens e mulheres inventam e usam” (OLIVEIRA JR, 2009, p.10).

Quanto ao uso das imagens, Simon Schama (1996), por ser historiador apresenta de maneira bem diferente dos autores acima, em seu livro “*Paisagem e*

memória”, um indicativo de como as imagens, juntamente com os mitos e as paisagens, fazem perpetuar as mais diversas histórias de vida dos povos e das sociedades, ainda que sejam as mais distantes no espaço e no tempo.

Utilizando os relatos de vivências que levam em conta as imagens, como uma linguagem que faz parte do processo de construção histórica, o autor propõe a reconstrução da história de vida de um povo, interpretando os signos que dão coesão e sedimentam as narrativas sobre a cultura europeia, seja por meio da linguagem oral transmitida pelas gerações ou por meio da linguagem das fotografias/pinturas, bem como de registros escritos ao longo do tempo. Nos seus argumentos Schama (1996) aponta que,

[...] a visão que uma criança tem da natureza já pode comportar lembranças, mitos e significados complexos, muito mais elaborada, é a moldura através da qual nossos olhos adultos contemplam a paisagem. Pois, conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade elas são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente (SCHAMA, 1996, p. 17).

Assim como outros autores, Schama (1996) ressalta que as nossas lembranças/memórias estão ligadas à nossa relação com o lugar, pois são obras da nossa mente. Ao registrar a presença por meio da pintura, desenho ou fotografia a história humana já se manifesta aguçando a percepção a respeito do lugar e é “essa nossa percepção transformadora que estabelece a diferença entre a matéria bruta e a paisagem” (SCHAMA, 1996, p. 19), apontando para a existência de “uma profunda abstração pessoal de espírito e conceito que transforma esses fatos numa experiência emocional e espiritual transcendente” (SCHAMA, 1996, p. 19). Ou seja, as narrativas sendo apresentadas através das experiências com as imagens.

2.5 FOTO-GRAFIAS, GEO-GRAFIAS

As fotografias são recursos que, quando entramos em contato, provocam as mais diversas sensações em nosso imaginário e, a partir da leitura que fazemos

delas (as imagens) somos conduzidos as mais diversas interpretações que podem ser ressonâncias de experiências, ou lembranças de coisas ou lugares que fizeram ou fazem parte de nossa vivência.

Oliveira Júnior (2009), em suas argumentações aponta que a linguagem fotográfica geralmente é apresentada como reforço aos aspectos textuais de uma temática. No nosso caso, o lugar Terra Vermelha tem sido apresentado pelas fotografias utilizadas pela mídia como violento, daí a fotografia com seu poder de sedução tende a suscitar no imaginário das pessoas, pela linguagem visual e pela poesia, as mais diversas emoções, nos remetendo aos mais diversos caminhos imaginativos sobre o espaço/lugar. Ou seja, a carga energética que se forma através da imagem visual associada à memória social se concretiza a partir da experiência emocional, uma vez que as imagens são por seu turno: evocativa, mobilizadoras e sedutoras.

Os argumentos de Queiroz Filho (2010) em "*A edição dos lugares: sobre fotografias e a política espacial das imagens*", apontam também que, "as fotografias participam da construção da memória de um lugar, daquilo que nos possibilita ler e significar o mundo" (QUEIROZ FILHO, 2010, p. 33) e não há um lugar verdadeiro, e sim versões sobre um mesmo lugar que não se anulam.

A fotografia, nesse caso, pode despertar uma primeira dobra, na visão deleuziana, fazendo emergir outras narrativas a respeito dos lugares, nos permitindo um olhar ampliado que ao fazer conexões com as coisas que nos cercam e permitem que a magia e a poesia sejam preservadas em nossa imaginação.

Quando estamos falando de imaginação, admitimos então que ao falar de um lugar com o qual tivemos alguma relação, encontramos "narrativas visuais entrelaçadas com nossas experiências, elas são outras geografias possíveis" (QUEIROZ FILHO, 2010, p. 51). Ao considerar as argumentações do autor e o conhecimento produzido pela linguagem fotográfica, podemos dizer que estes podem nos levar a outras narrativas, sejam elas de cunho poético ou não. Portanto, como já dito acima, as sensações que permitem um material fotográfico podem ser interpretadas a partir das experiências adquiridas na trajetória de vida de cada um. São interpretações associadas às nossas histórias de vidas.

Nas reflexões sobre o que nos permitem a linguagem fotográfica, Pesavento (2008), também nos aponta que esta linguagem envolve uma grande complexidade, principalmente por se tratar de um mecanismo de comunicação que está ligado aos sentidos e tem intencionalidades que ultrapassam aquilo que nos é exposto. Na perspectiva da autora, essa linguagem/conhecimento se manifesta por meio da sensibilidade, pois uma imagem mental se forma no contato com as imagens fornecidas, seja na pintura, na fotografia, nos filmes, nos desenhos, entre outros. No nosso caso, as fotografias capturadas pelas crianças do lugar Terra Vermelha.

CAP. 03

Lugar-comum

3.1 ALÉM DO LUGAR COMUM: SOBRE AS FOTOGRAFIAS HEGEMÔNICAS

50

*Um fotógrafo-artista me disse outra vez [...]
Que a importância de uma coisa
não se mede com fita métrica
nem com balanças nem com barômetros etc.
Que a importância de uma coisa
há que ser medida pelo encantamento
que a coisa produza em nós*

Manoel de Barros, Memórias inventadas.

Um lugar... Muitos lugares. Quantas versões podem existir para apresentar um mesmo lugar? Muitas! Entre as muitas versões escolhemos apresentar o lugar a partir das narrativas poéticas utilizando a linguagem fotográfica. São narrativas que nos permitem com os devaneios da imaginação apresentar um lugar ocupado pelas belezas da poesia. Ao buscar um contraste com a realidade, não estamos propondo uma geografia objetiva, mas sim, uma geografia dos mundos interiores, da imaginação, da nossa subjetividade.

Nesta perspectiva, quando entramos em contato com fotografias/imagens das coisas, do lugar onde vivemos ou da rua onde moramos, por exemplo, nossa memória nos leva a um rebuscar nas fantasias imaginárias, típicas de nossa infância. O que acontece é uma movimentação em nossas lembranças. Como diz Bachelard (2008) é examinando em nossa memória imagens bem simples de um lugar, que vem à tona as experiências mais felizes que permanecerão para sempre presente em nossas lembranças.

Portanto, descrever o lugar a partir dos delírios poéticos e da fotografia é, na perspectiva do autor, enclausurar um espetáculo. Enclausurar, nesse sentido, é tomar posse de um fragmento do real dentro de uma janela, e através dela encontramos outra que se abre para a nossa intimidade e imaginação. São nessas janelas de nosso imaginário que propomos apresentar o lugar Terra Vermelha.

Os estudos de Bachelard (2008) apontam a “experiência” como um dos caminhos que nos permitem compreender o que de cada um sente em relação ao lugar, e que essa experiência se manifesta de modo singular, a partir do sensível e da imaginação. As reflexões do autor apontam que as imagens são fenômenos que se manifestam em nossa mente com inúmeros significados, nos permitindo a construção de passagens entre o lugar vivido e o lugar imaginado. Pois nossas

experiências são pautadas por registros mentais, são nesses registros que guardamos nossas afetividades em relação aos objetos e os lugares.

Quando entramos em contato com imagens, utilizando a linguagem fotográfica, que estão associadas às lembranças do passado geralmente estabelecemos uma “relação não utilitarista” com os objetos ou com os lugares nos quais estamos ou estivemos envolvidos, pois somos tomados por sensações ligadas ao afeto. As fotografias ao mobilizarem nossa imaginação revelam nossa afetividade diante dos lugares que ocupam o nosso imaginário. Por exemplo, muitas coisas passam pela nossa memória quando rebuscamos fotos do passado, ou de lugares por onde passamos. São experiências vividas, são ressonâncias do passado invadindo nosso ser.

O ato de fotografar, em sua essência, suplanta o simples ato de clicar e tirar uma foto com uma câmera. Como já foi dito anteriormente, quando fotografamos abrimos uma janela, e dentro desta encontramos outra, que aponta para a nossa intimidade, para o nosso desejo de fazer registros. Esse movimento revela a nossa sensibilidade em relação àquilo que capturamos e enquadramos. Nesse momento criamos novos significados, e conseqüentemente outras leituras sobre um lugar ou alguma coisa.

A fotografia, neste contexto, é um registro que resulta do olhar que o homem lança sobre o mundo e seus objetos para que outros apreciem ou olhem. São grafias visuais, com intencionalidades, que aparecem de um lado como produto da criatividade (álbuns de família, registros de viagens) e, de outro como amparo para matérias de jornais, documentários, textos, etc. Seja qual for a nossa intenção, a fotografia está sempre sendo utilizada em função de um objetivo ou em busca da apreciação de outros olhares. Uma fotografia provoca e/ou evoca outras interpretações, e pode estar sempre ligada à nossa subjetividade ultrapassando os limites definidos pela realidade.

Observando o poder de sedução das imagens apontado por Oliveira Junior (2009), evidenciamos que as fotografias são elementos que participam,

[...] da construção de uma memória sobre o lugar e vão participando da configuração de uma inteligência que nos permite ler e significar o mundo, as coisas e os lugares nele existentes. E nessa construção não há como

separarmos as dimensões estéticas, das dimensões informativas e políticas dessas fotografias (OLIVEIRA JR., 2009, p 17).

Segundo Oliveira Junior (2009) é a partir da linguagem visual que construímos a ideia de lugar, pois as imagens que participam da nossa memória visual nos permitem construir passagens que não só relacionam saberes promovendo a constituição de outros saberes, mas também permitem a ampliação dos saberes a partir da experiência cotidiana formulando novos discursos e falas, num processo contínuo em que estamos o todo tempo contaminando e sendo contaminados.

A linguagem fotográfica “participa do núcleo de práticas sociais que amparam nossa noção de realidade, e, ao mesmo tempo, as mesmas fotos tornaram a realidade uma ficção, uma produção narrativa” (OLIVEIRA JR., 2009, p. 3). Podemos então, considerar que as fotografias/imagens utilizadas pelos mecanismos de informação, não buscam apenas a ilustração de um texto “mas, sobretudo, confirmar as palavras que irão ser ditas, dando a elas o respaldo fotográfico – diga-se, efeito de verdade – criando maior credibilidade à matéria jornalística” (OLIVEIRA JR., 2009, p. 6).

Neste sentido, as fotografias/imagens apresentam pelos meios de comunicações, as mazelas do lugar Terra Vermelha, potencializam o discurso hegemônico, na medida em que, ao reforçar uma ideia estereotipada do lugar, o reduz a uma única narrativa, a de lugar violento.

Que as imagens são elementos que participam do imaginário social, nós já temos clareza, principalmente quando estas falam do nosso mundo. Partindo dessa afirmação, iremos destacar alguns exemplos de imagens jornalísticas enfatizando a violência na referida região. Destacamos especificamente aquelas que nos remetem uma sensação de insegurança e medo.

Apresentaremos abaixo, na figura 1, um bloco de fotografias, selecionadas dos principais jornais, no período de 2009 a 2012, são imagens que enfatizam a violência no lugar. Os jornais, “A Gazeta” e a “A Tribuna” foram escolhidos por serem os de maior circulação no Estado, tanto no modo impresso como no virtual e, em ambos encontramos o destaque de imagens em suas matérias diárias reforçando o discurso hegemônico que aponta o lugar como violento.

Por mais banalizada que esteja a violência no Estado, as imagens apresentadas são de certa forma perturbadoras, pois num primeiro momento causa uma sensação desconfortável para os que não moram ali e não conhecem o dia a dia do lugar. Enfim, são imagens usadas para reforçar textos que apresentam um lugar tomado pelo medo, pela insegurança.

Figura 3 – Montagem de fotografias que destacam a violência no lugar.



Fonte: Jornais “A Gazeta” e “A Tribuna”.

A fotografia, então, se torna um material que ao ser associado a um contexto pode evocar muitas interpretações a respeito de um lugar, ultrapassando os limites determinados pela realidade. Reduzindo esse lugar a uma narrativa estigmatizada, principalmente por se tratar de um lugar de muita pobreza. Entretanto, cabe lembrar aqui, que nossa proposta não é discutir os fatores que envolvem a violência naquele lugar, e sim, desterritorializar as imagens que afetam o imaginário social quando se refere à região.

Como nosso foco não é a violência e, sim como a narrativa menor se torna uma proposta viável para a desconstrução do discurso hegemônico que apresenta o lugar como violento, procuramos então, a partir desse movimento, apresentar uma geografia que se move através da subjetividade, a geografia menor, por exemplo. Portanto, para a desterritorializar as imagens acima as fabulações poéticas e um

caminho que além de viável é bastante interessante, pois nos permite ver o lugar a partir do poético e do sensível.

3.2 ALÉM DO LUGAR COMUM: SOBRE A COLETA DE FOTOGRAFIAS

O interesse por encontrar outras narrativas que falam do lugar, que não sejam de conotação estigmatizada, vem de muitos anos. Sempre me perseguindo. Recentemente, nas orientações deste trabalho, minha inspiração vem sendo somada ao grande potencial que nos permitem as poesias. Também não posso deixar de ressaltar aqui, que as crianças com quem trabalhei por muitos anos foram a mola propulsora da minha motivação, principalmente aquelas que moram em lugares de muita pobreza. Trata-se de crianças curiosas, inquietas, com imaginação fértil, tal como diz Manoel de Barros (1999), crianças têm olhos abertos, olhos de descobrir.

Além dos argumentos acima, um dos motivos para convidarmos as crianças da Região de Terra Vermelha para a coleta das fotografias, foi o fato de estarem em condição e lugar semelhante ao dos (as) alunos (as) que motivaram esse trabalho. Trata-se de crianças que participam das atividades do Programa Mais Educação⁸ da Unidade de Ensino Fundamental Alger Ribeiro Bossois. Cabe lembrar que o programa que tem como propósito incentivar os alunos (as) que não atendem as expectativas da escola e, que por algum motivo, não respondem ao rendimento esperado pela instituição. Geralmente são discriminadas por não se adequarem as normas do sistema educacional, mas que sem nenhuma dúvida possuem um grande potencial imaginativo.

Diante dos aspectos apresentados, priorizamos os estudantes que frequentavam o contra turno, o vespertino, na intenção de não causar nenhum transtorno em relação às atividades de sala de aula no horário regular. Com um

⁸O Programa Mais Educação é dos segmentos da Educação Integral, trata-se de uma proposta do Ministério da Educação, Cultura e Esporte que tem como objetivo incentivar os alunos de escolas com rendimento abaixo da média do considerada pelo IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12372&option=com_content Acesso em 20/01/2013.

grupo de 25 crianças, sendo 20 meninos e 5 meninas com idades entre 11 e 14 anos, organizamos a atividade para coleta de fotografias em duas etapas distintas. Em setembro de 2012, com encontros organizados uma vez por semana, com duas horas de atividades, sempre às quintas-feiras. Com o mesmo grupo, a segunda etapa iniciou na primeira semana de dezembro do mesmo ano, contando com sete encontros consecutivos em duas semanas de atividades.

Empolgados e muito ansiosos, partimos para as ruas em nossa primeira etapa da coleta de fotografias. As crianças ao saírem nas ruas com as máquinas fotográficas nas mãos, registraram tudo aquilo que as seduziam, capturando imagens que afetam a sensibilidade, obras da natureza, cores fortes, vegetação e animais. Também não deixaram de registrar as pessoas e seus feitos.

Devemos lembrar que, antes de irmos às ruas, foram feitas algumas discussões a partir da apresentação de um bloco de imagens sobre alguns lugares do município; a intenção era preparar as crianças mostrando o que nos propõem as imagens dos lugares e também apresentar o propósito deste trabalho deixando-as livres.

Na primeira etapa, a proposta era capturar imagens que mostrassem a intimidade ou afetividade com o lugar. As crianças, com as câmeras e a liberdade para se expressarem, fotografaram os lugares nos quais sentiam prazer em frequentar, buscaram, também, por lugares que realçavam alguma beleza, principalmente aqueles que se destacavam pelo colorido, por exemplo. Desse grupo somente dois alunos capturaram imagens de algum fato que consideravam problema, um esgoto aberto e sem tratamento. Na primeira etapa foram utilizadas apenas duas máquinas fotográficas, enquanto no segundo momento conseguimos contar com treze máquinas.

Na segunda etapa da coleta de fotografias, mantendo o mesmo grupo de crianças, e com orientações mais específicas, a atividade foi desenvolvida em sete encontros distintos, a saber:

- a) o primeiro teve como objetivo sensibilizar as crianças sobre o modo como capturamos as imagens. Para isso foi apresentado o filme “Nascidos em bordéis”;
- b) em seguida, no segundo encontro, foi feita uma dinâmica para aguçar a sensibilidade. Nestes dois primeiros encontros o orientador deste trabalho teve

participação incisiva e de maneira bem criativa propôs o uso da imaginação na captura das imagens;

c) no terceiro momento nós (as crianças, o orientador e o grupo de pesquisa “RASURAS”⁹) saímos às ruas dos bairros da região em busca de imagens. Com doze máquinas fotográficas clicavam em direção a tudo que lhes chamavam a atenção;

d) o quarto momento foi a continuação de coleta de imagens;

e) no quinto encontro as crianças foram divididas em dois grupos, enquanto um grupo teve como orientação fotografar tudo que estava perto e próximo ao chão, o outro ficou encarregado de fotografar o que estava distante e no alto;

f) no sexto e último dia de coleta de imagens a orientação foi capturar imagens que destacassem as cores do lugar;

g) finalizando, no sétimo encontro foi apresentado às crianças todas as imagens coletadas.

Nas duas etapas coletamos aproximadamente 1500 fotografias. Esse total de imagens ao ser selecionado em blocos, por semelhança, nos levou a perceber que algumas categorias¹⁰ se repetiam de maneira significativa. Pois as crianças ao clicarem em tudo que viam pela frente apontaram para algumas temáticas mais específicas, priorizando, por exemplo, as pessoas, os animais, as construções, as palavras (os anúncios e as placas) e a vegetação.

Ao colocar em ordem as fotografias selecionadas por categorias, não tivemos a intenção de organizar estabelecendo uma hierarquia, priorizando qualquer um dos blocos que foram surgindo por semelhança. Entretanto, de maneira inconsciente as pessoas e os animais foram privilegiados, nos demos conta de que talvez seja porque fazem parte de nossas relações afetivas.

Como nosso objetivo era fazer um experimento com fotografias observamos, no decorrer da pesquisa, que as fotografias suscitavam um lirismo poético em relação ao lugar, isso nos levou provocar um encontro/encanto entre as poesias e as imagens apresentadas. Esse encontro funcionou como uma alavanca nos trazendo

⁹Rasuras: Imaginação Espacial, Poéticas e Cultura Visual. Grupo de pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo, coordenado pelo Prof. Dr. A. Carlos Queiroz Filho.

¹⁰Utilizamos o termo categoria para definir os agrupamentos de temas e objetos que pertencem a uma mesma natureza específica.

ressonâncias poéticas das imagens: do “pantanal” de Manoel de Barros, das “pessoas” com as quais Clarice Lispector se preocupava, das “cidades” de Ítalo Calvino, das “palavras” de Paulo Leminski e da “vegetação/natureza” que encantava Fernando Pessoa.

Ao selecionarmos os blocos de imagens por semelhança, encontramos outro com uma quantidade significativa, as fotografias sem enquadramento específico. Totalizamos então com seis blocos de imagens. E, esse foi o nosso primeiro passo para buscarmos nas fotografias outras narrativas sobre o lugar, no caso as fabulações poéticas.

Ciente de que o propósito deste trabalho é a desterritorialização das imagens que apresentam o lugar como violento, notamos que nenhuma das crianças focou ou destacou qualquer imagem que pudesse nos remeter a ideia de violência, pelo contrário, buscaram em praticamente todas as fotografias apresentarem os objetos e as coisas que nos levam a pensar em um lugar com muitas possibilidades imaginativas.

Ressaltamos, também, que em função do grande número de fotografias semelhantes, optamos por não apresentar os nomes das crianças, pois dessa forma não correríamos o risco de priorizar umas em detrimento de outras, uma vez que a contribuição de todas foi de extrema importância para a realização deste trabalho.

3.3 ALÉM DO LUGAR COMUM: ESTABELECENDO RELAÇÕES

O homem conta as suas histórias desde as mais remotas datas, utilizando narrativas orais, a escrita, as gravuras ou fotografias e, dentre essas muitas Histórias de conquistas, de encantos e desencantos, expressa sua visão de mundo de maneira própria e singular, revelando que cada história é uma fabulação possível.

Diante desta perspectiva, o que seria fabular quando se propõe apresentar um lugar?

Sabemos que há uma distinção entre fábula e fabulação. De acordo com a definição que encontramos no dicionário, a fábula na literatura consiste em uma “história da qual se extrai uma lição ou reflexão de caráter moral. História ou narrativa sobre aventuras e acontecimentos (reais ou imaginários) no romance,

conto, etc.” (BECHARA, 2009, p. 394). Ou seja, trata-se de uma narrativa alegórica que dá vida as histórias.

Já no dicionário de filosofia, fabular é uma narrativa que tem como objetivo fabricar relatos fictícios através da imaginação que, consiste em,

[...] uma espécie de delírio que implica certa confusão entre o presente e o passado expressando-se num discurso incoerente dominado pelas formas imaginárias de perceber. Ao tornar-se mórbida, a fabulação recebe o nome de *mitomania* (JAPIASSU e MARCONDES, 1996, p. 98. Grifo do autor).

A fabulação, na perspectiva deleuziana, não está ligada às histórias com lições de moral. Trata-se de uma narrativa que obedece a três pontos distintos: um devir, uma experimentação e um porvir. São narrativas que desterritorializam a linguagem num processo que nunca para. Faz a linguagem vibrar, gaguejar extravasar e produzir seu próprio enunciado coletivo.

Podemos exemplificar uma ação fabuladora através dos escritos de Franz Kafka (2010), mais precisamente em “*A metamorfose*”. No texto o autor apresenta a substituição da verdadeira realidade por uma peripécia imaginária. Encontramos também uma alegoria imaginária cujos personagens geralmente são animais, constituindo de forma sensível o corpo dinâmico e figurativo da ação.

Deleuze e Guattari (1992), no capítulo “*Percepto, Afecto e Conceito*”, do livro “*O que é filosofia?*”, ressaltam que uma “fabulação criadora nada tem a ver com uma lembrança mesmo amplificada, nem como um fantasma. Com efeito, o artista, entre eles o romancista, excede os estados perceptivos e as passagens afetivas do vivido” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 222).

Além das argumentações apresentadas, podemos tomar como referência as fabulações descritas por Deleuze e Guattari (2003), em “*Kafka: para uma literatura menor*”. No texto os autores apontam que as personagens são tomadas por atitudes sociopolíticas em um devir que cria outros devires, se mantendo em um constante devir coletivo, integrado junto à sociedade. Podemos afirmar, segundo o pensamento deleuziano, que as histórias que apresentaremos sobre o lugar são fabulações que permeiam o nosso imaginário. Fabular a partir das fotografias e das

poesias é buscar por construções imaginárias que se manifestam em um constante devir.

Reiteramos que para dar consistência às nossas fabulações fotográficas sobre o lugar, lançamos mão da poesia¹¹ que é uma linguagem humana utilizada pela imaginação de todo e qualquer poeta. Pois trata-se de uma manifestação da beleza ou do sentimento estético por meio da palavra, podendo ser sob a forma de versos ou de prosas. Ou seja, a poesia compreende aspectos metafísicos no sentido de sua imaterialidade.

Como já dissemos no capítulo anterior, para produzirmos as nossas fabulações poéticas, apresentaremos o lugar de acordo com as categorias: pessoas, animais, construções, palavras e vegetação. E, para dar asas aos nossos devaneios, dialogaremos com as poesias de Clarice Lispector, Manoel de Barros, Paulo Leminski, Fernando Pessoa e o romance de Ítalo Calvino.

Ao apresentar outras fabulações, na perspectiva das narrativas menores, ressaltamos que em nosso diálogo com os poetas escolhidos não estaremos aprofundando em suas obras, e nem dialogando com suas opiniões, uma vez que o propósito deste trabalho não é entrar nas entranhas do gênero literário de cada um, e sim buscar nas poesias outras possibilidades de se apresentar um lugar. Por fim, o que pretendemos é delirar nas poéticas desses autores num experimento que tem como elemento principal a imaginação.

A existência humana e suas experiências são produtos da relação dos homens entre si e com as coisas que os cercam. São os homens construindo suas histórias, marcando suas grafias no tempo e no espaço. Sabemos também que são muitas as narrativas que constituem a História da humanidade e que a “estória do mundo não pode ser contada (nem sua geografia elaborada) como a estória apenas do Ocidente” (MASSEY, 2008, p. 31), mas como histórias distintas que estão a nos revelar uma multiplicidade de narrativas que se configuram num processo inacabado, num constante devir.

O que nos interessa é o acender da chama da imaginação criadora. Considerando que essa proposta caminha em consonância com o que Bachelard

¹¹Conceito de poesia - O que é, definição e significado. Disponível em: <<http://conceito.de/poesia#ixzz2S4n5oRta>>. Acesso em 20/04/2013.

(2008) apresenta em “A poética do espaço”, estamos nos movendo em busca do exercício da liberdade imaginativa.

O que estamos apontando é que, assim como não há uma História única, também não há uma única Geografia. Portanto, se há outras Geografias, uma delas não poderia ser uma “Geografia poética?”. Neste contexto, Queiroz Filho (2013) questiona e ao mesmo tempo ressalta que Geografia poética é:

*Tornar imprevisível a palavra (Geografia) não seria um ato de liberdade?
Que encanto a imaginação poética (Geografia Poética) encontra para zombar
de censuras! Antigamente, as artes poéticas (Geografias) codificavam licenças.
Mas a poesia contemporânea (Geografia Contemporânea)
colocou a liberdade no corpo da linguagem.
A poesia surge então como um fenômeno de liberdade.
(Adaptação do texto de Gaston Bachelard feita por Queiroz Filho, 2013, p. 6).*

Nos registros de suas histórias os homens grafam seus espaços, suas ações através da criatividade e da imaginação. Ao rebuscar suas memórias, principalmente as da infância, (re) encontram em suas histórias passadas as imagens e a poética que estabelecem conexões com o vivido e o imaginado. São essas conexões que nos permitiram estabelecer um diálogo entre a poesia, a fotografia e o lugar.

Tabela 1: Apresentação das categorias e poetas escolhidos.

-	Categorias	Poetas
A	Pessoas	Clarice Lispector
B	Animais	Manoel de Barros
C	Construções	Ítalo Calvino
D	Palavras	Paulo Leminski
E	Vegetação	Fernando Pessoa

Elaborado por: Maria da Penha dos Santos – 2012.

a) RELAÇÃO 1: as fotografias de pessoas e as crônicas de Clarice Lispector

Apresentar as pessoas do lugar Terra Vermelha na perspectiva de Clarice Lispector é apontar que na vida estamos, a todo o momento, sendo transformados em humanos. Nas crônicas da autora encontramos elementos que retratam os enfrentamentos da vida diária, tal como acontece no texto *“Perfil dos seres eleitos”* (LISPECTOR, 1986, p.172), do livro *“Para não esquecer”*.

Clarice Lispector (1986), também retrata a imagem de um ser humano aprendendo a vida com suas próprias dificuldades e experiências. São as tentativas em se tornar humanos apresentadas em *“Desenhando um menino”* (LISPECTOR, 1986, p. 148). A autora aponta nossos desafios, retratando histórias de vida que tantas vezes se repetem. Ressalta o quanto a vida se repete mostrando que, enquanto o menino chora e faz suas tentativas, obedece ao que determina a sociedade e vai se transformando em um adulto domesticado.

Nas crônicas da referida autora percebemos que, apesar de sermos domesticados, temos nossas escolhas e alimentamos nossa imaginação com sonhos e esperanças e, nesta trajetória até a mentira pode ser verdade. A escritora também aponta que até as verdades na qual acreditamos ou as mentiras que inventamos também são escolhas nossas. Clarice Lispector (1964) aponta em seu texto *“A legião estrangeira”* que o que não presta também tem sua importância revelando que na poesia,

[...] o que presta também não presta. Obviamente o que não presta sempre me interessou muito. Gosto de um modo carinhoso do inacabado, do malfeito, daquilo que desajeitadamente tenta um pequeno voo e cai sem graça no chão (LISPECTOR, 1964, p. 127).

A fala da autora revela que somos um “ser” humano que se constitui através de um processo inacabado, num constante vir a ser, com trajetórias cheias de incertezas, desconfianças, inquietações e limitações. Ou seja, nossas muitas tentativas em “ser” são voos rasantes, nos promovendo a humanos através das muitas experiências, pois o fato de sermos incompletos nos leva a uma busca constante por alguma coisa ou possibilidade. Afinal, é nesta perspectiva percebemos que as pessoas que compõem as personagens do lugar que ora apresentamos.

b) *RELAÇÃO 2: As fotografias de animais e a poesia de Manoel de Barros*

Inspirados pela originalidade do “deslimite” proposto por Manoel de Barros nossa proposta ao apresentar as fotografias dos animais do/no lugar, capturadas pelas crianças, é revisitar nossas inúmeras experiências de infância, aquelas que guardamos em nossa memória durante toda vida. São imagens que nos permitem a construir passagens entre o lugar vivido e o lugar imaginado, as mesmas que compõem nossa vida, e como vida é um pulsar elas só existem nos lugares onde esta se manifesta.

Ao abrir a janela da nossa imaginação, através da fotografia, buscaremos os “deslimites” poéticos proposto pelo poeta. O deslimite, nesse caso, não é a negação de uma razão estabelecida, mas ao contrário do que se pode pensar, é ultrapassar os limites que destroem a criatividade e chegar onde se pode ou onde se deseja através da invenção imaginativa.

O “deslimite” que aqui propomos se traduz numa rebeldia contra os modelos estabelecidos em que (re) criar a partir do que é inventado pela poesia é o desterritorializar, na perspectiva deleuziana. Nossa desterritorialização consiste em um exercício que se dá a partir da imaginação e vai além do que nos apresenta as imagens. Ou seja, a poesia de Manoel de Barros tem potencialidades para (re) inventarmos outras narrativas sobre o lugar.

c) *RELAÇÃO 3: as fotografias de construções e o imaginário de Ítalo Calvino*

A procura pela beleza apresentada no registro fotográfico das crianças demonstra que há um lugar erguido no imaginário de cada uma, e que nele podemos construir nossas fabulações, tal como nas narrativas de Ítalo Calvino (1990), em “*Cidades invisíveis*”. O autor apresenta as cidades descritas pelo viajante Marco Pólo ao imperador kublai Khan, mostrando através das tramas e das fantasias os lugares que povoam nosso imaginário.

Calvino (1990) vai além, mostra com bastante criatividade as cidades que o imperador não podia ver, mas que imaginava através dos olhos e das histórias contadas por Marco Polo. O autor ao descortinar a cidade de Eudoxia, apresenta um

lugar “que se estende para cima e para baixo, com vielas tortuosas, escadas, becos, casebres, conserva-se um tapete no qual se pode contemplar a verdadeira forma da cidade” (CALVINO, 1990, p. 91). Ele utiliza a imaginação, criando um clima de muita sutileza onde a trama da cidade se desenrola como as tramas de um tapete que parecem imóveis e harmônicas, mas que em cada uma dessas tramas se desenrolam muitas histórias de vidas. Os escritos de Calvino (1990) nos inspiram por nos conceder elementos para apresentarmos o lugar Terra Vermelha a partir do que a imaginação nos permite. Possibilitando-nos fabular através da fotografia das construções, apresentando uma geografia poética do lugar.

d) RELAÇÃO 4: as fotografias de palavras e a poesia Paulo Leminski

Na linguagem escrita encontramos símbolos que denominam e nomeiam as coisas e os lugares. Também encontramos nos encantamentos das palavras o sensível através da poesia, são as mesmas palavras que nos orientam no mundo. Exaltar as palavras que denominam e identificam o lugar Terra Vermelha, nas poesias de Paulo Leminski¹² (2010) são interessantes, porque nos apresentam o cotidiano numa mistura que vai do marginal ao erudito, a partir de poesias e poemas breves. O poeta extraía poesia de qualquer fato ou objeto que lhe passasse diante dos olhos, uma praça, uma placa, um objeto, um nome, etc. Poetas com esse tipo de inspiração “transformam palavras num misto entre o óbvio e o nunca visto” (LEMINSKI, 2013, p. 342).

Capturando as imagens das palavras que grafam o lugar, ao caminhar pelas ruas dos bairros, encontramos ressonâncias nas poesias de Leminski, e com as lentes do poeta visualizamos a poética nos nomes que dão sentido ao lugar.

e) RELAÇÃO 5: as fotografias de vegetação e a poesia de Fernando Pessoa

¹²Paulo Leminski (1944–1989) poeta curitibano descoberto em 1963, na Semana Nacional de Poesia de Vanguarda realizada em Belo Horizonte.

Para apresentar o lugar a partir das fotografias da vegetação, encontramos nas poesias de Fernando Pessoa (1993), mais precisamente em “*O guardador de rebanhos*”, elementos que apontam sua estreita relação com a natureza. Fernando Pessoa, poeta português que assume o heterônimo Alberto Caeiro, contemplava a natureza traduzindo-a poeticamente a partir do contexto fenomenológico. Tinha como base seu contato direto com a natureza, pois seus poemas revelam sua vivência um grande êxtase diante das belezas dos montes e dos campos no qual viveu em sua juventude. Tratava a “Natureza como objeto, o eu do poeta dialoga com seu pensamento/ideias/sensações. Conhecer a Natureza identificar-se com ela, eis seu escopo e sua razão de ser” (PESSOA, 1993, p. 30).

Assim como Fernando Pessoa, da janela de sua casa, registrou poeticamente seu estado contemplativo diante da natureza, nós o utilizaremos a moldura como uma janela da fotografia para apresentarmos a vegetação como um elemento da natureza que suscita outras poéticas sobre o lugar.

Nosso próximo passo se resume em estabelecer um diálogo entre as poesias e as fotografias nos apoiando na preocupação de Calrice Lispector em retratar os desafios humanos, na intimidade de Manoel de Barros com os animais do Pantanal de Mato Grosso, na ênfase de Ítalo Calvino em retratar as cidades, no modo como Paulo Leminski brinca com as palavras e no modo como Fernando Pessoa contempla a natureza.

3.4 ALÉM DO LUGAR COMUM: NOSSA EXPERIMENTAÇÃO

De acordo com o que apresentamos, a proposta é desterritorializar o discurso hegemônico a partir da linguagem poética. Portanto, estaremos apontando aqui outros modos de ver o mundo, utilizando a linguagem da poesia para construir fabulações. São outras narrativas, de onde se pode perceber o mundo e/ou lugar através do sensível e da imaginação. Nosso movimento de desterritorialização ao seguir a perspectiva deleuziana buscar por uma saída, uma fuga, ou como diz Queiroz Filho (2012, p.107) por um “desvio de olhar”. Desviar o olhar nesse caso é busca por outras grafias a partir de uma aventura imaginária, onde o fabular é fazer comunhão com a poesia.

a) **EXPERIMENTAÇÃO 1: as pessoas e poética do/no lugar**

Cada pessoa uma história! Quantas histórias em um só lugar... “Que desafio, hein?” (LISPECTOR, 1998, p. 55). Em Terra Vermelha, cada pessoa é um fragmento das muitas narrativas que ali seguem tecendo a trama que constitui a vida. Cada uma com sua particularidade e sua subjetividade. Nessa teia de possibilidades que é a vida há aqueles que, como diz Clarice Lispector, estão sendo desenhados, aqueles que foram eleitos, os que são obedientes e os que escolheram a liberdade. Independente das escolhas, cada um tem sua história. A história de cada um “talvez seja uma das experiências humanas [...] mais importante” (LISPECTOR, 2003, P, 16), na vida daqueles que anonimamente compõe a humanidade, pois:

*‘Todos aqueles que fizeram grandes coisas fizeram-nas para sair de uma dificuldade, de um beco sem saída’. [...]
Mas, quem escreveu isso? Não importa, é uma verdade de vida, e muitos poderiam tê-la escrito.
(LISPECTOR, 2003, p. 46).*

Figura 4 – Montagem de fotografias das pessoas do lugar.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

Figura 5 – Fotografia das crianças do lugar.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

*Essa vontade de um ser o outro para unificação inteira
é dos sentimentos mais urgentes que se tem na vida.
(LISPECTOR, 2003, p. 16)*

Figura 6 – Fotografia dos moradores do lugar.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

*O que nos salva da solidão é a solidão de cada um dos outros.
Às vezes, quando duas pessoas estão juntas, apesar de falarem,
o que elas comunicam silenciosamente uma a outra
é o sentimento de solidão
(LISPECTOR, 2003, p. 34).*

Figura 7 – Fotografia do menino



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

*Este menino, que renasce em cada criança nascida, iria
querer que fôssemos fraternos diante da nossa condição e
diante de Deus. O menino iria se tornar um homem e falaria.
Hoje em muitas casas nasce um menino.
(LISPECTOR, 2003, p. 46).*

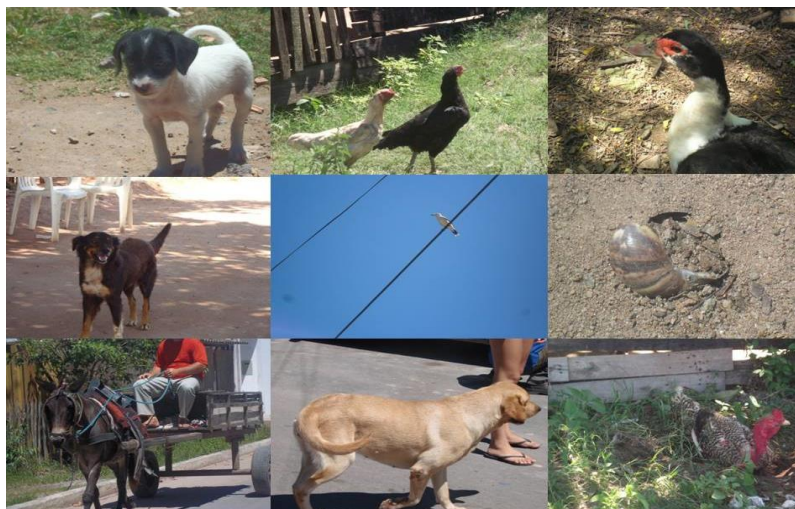
b) EXPERIMENTAÇÃO 2: os animais do lugar e os deslimites poéticos

O nosso pensar geralmente é orientado pela racionalidade, nem sempre compreendemos que para entender a vida “nós temos dois caminhos: o da sensibilidade, que é o entendimento do corpo; e o da inteligência, que é o entendimento do espírito” (BARROS, 1996, p. 212). Os poetas caminham fazendo uso da sensibilidade, criando e inventando, dando vida aos seres inanimados que os cercam. Segundo Manoel de Barros dar vida é olhar através da imaginação da criança, é propor o deslimite que nos liberta da razão adulta e mostra que a “poesia tem a função de pregar a prática da infância entre os homens” (BARROS, 1996, p. 311).

Para prosseguir nos devaneios poéticos de Manoel de Barros, apresentamos no mosaico abaixo (figura 2) as fotografias do lugar que demonstram, a partir do olhar criança, que a relação das pessoas com o lugar não esta pautada por uma relação de medo, pois a violência apresentada nos jornais não se manifesta nas fotos registradas pelas crianças e, todas, sem exceção capturaram uma grande

quantidade de imagens dos animais que faziam parte do cenário naquele momento.

Figura 8 - Montagem de fotografias dos animais do lugar.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

Nestas fotografias encontramos uma aproximação como pantanal de Manoel de Barros, pois o poeta ao utilizar a imaginação criança faz comunhão com os animais, através de suas poéticas, revelando sua intimidade e paixão pelo lugar, (re) criando através da poesia lugares imaginários:

[...]

Onde a criança diz:

eu escuto a cor dos passarinhos.

A criança não sabe que o verbo escutar não

Funciona para cor, mas para som.

Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.

E pois.

Em poesia que é voz de poeta, que é a voz

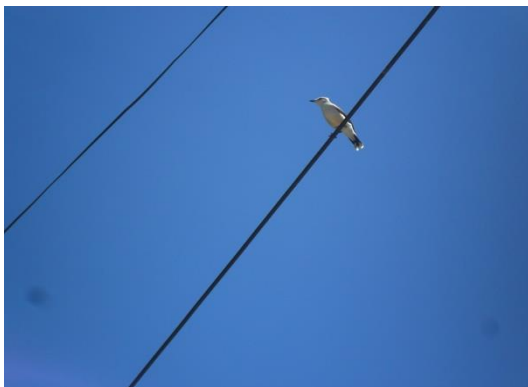
De fazer nascimentos

O verbo tem que pegar delírio.

(Barros, 1994, p. 17).

As poéticas nos fazem perceber que naquele lugar:

Figura 9 – Fotografia do passarinho.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

Na manhã-passarinho [...]

(BARROS, 1996, p. 220).

O menino pegou olhar de pássaro

(BARROS, 2006, p. 11).

Até,

Figura 10 – Fotografia do caracol.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

*O caracol que se arrasta sobre as pedras,
deixando um caminho de gosma escrito com o corpo*
(BARROS, 1996, p. 215).

Não tenho vasilha de dormir

*Caracol de cipoal nunca chega a ser
um caracol de paredes
(BARROS, 2010, p. 152).*

Imaginamos também que o cavalo,

Figura 11 – Fotografia do cavalo.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

*Na planície cavalo mina em seu couro [...]
O cavalo está enorme e derrete-se
(BARROS, 1996, p. 112).*

Apresentar o lugar colocando uma moldura nas fotografias dos animais que fazem parte da paisagem, não significa enclausurar imagem, mas olhar para além daquela janela, e com os olhos da imaginação “divinar” os animais tal como fez Manoel de Barros em suas poesias. Pois se a racionalidade científica nos limita, a poesia nos permite perder a sensatez e entrarem delírio, uma vez que,

*A ciência pode classificar e nomear órgãos de um sabiá
Mas, não pode medir seus encantos.
A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem
Nos encantos do sabiá.
Quem acumula muita informação
Pede o condão de adivinhar: divinare.
Os sabiás divinam.
(BARROS, 1997, p. 53).*

c) **EXPERIMENTAÇÃO 3: as construções e a cidade imaginária de Calvino**

Com muita sutileza e imaginação Ítalo Calvino (1990) apresenta várias cidades com suas diferentes peculiaridades. São cidades imaginárias e, assim como na crônica do autor as imagens do lugar realça as cores e a forma estética, as crianças também apontaram, através da subjetividade de cada um, uma sensibilidade que vai além de um simples registro.

Ao procurar enquadrar as belezas e o colorido das construções, nas fotografias, as crianças destacaram elementos interessantes para produzirmos fabulações de um lugar onde só a imaginação nos permite atravessar a janela que emoldura as imagens das construções.

As fotografias das construções, figura 6, se destacam no lugar, seja pelo tamanho (a casa pequena e a casa muito grande) ou pelo colorido. Mas, independente do motivo, o curioso é que as imagens capturadas nos levam perceber que nesse momento, o desejo das crianças se aproxima da proposta apresentada por Calvino (1990), na cidade de “Fedora”, pois “em todas as épocas, alguém [...] havia imaginado um modo de transformá-la num lugar ideal, mas, enquanto isso construía o seu modelo em miniatura, Fedora já não era mais a mesma de antes” (CALVINO, 1990, p. 32). Nesta perspectiva o lugar que aqui apresentamos, através das fotografias, também foge ao que vivemos na realidade.

Figura 12 – Montagem de fotografias das construções.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

Inspirados pela imaginação de Calvino (1990), ao descrever à cidade de Eudoxia, encontraremos nas cores marcantes das fotografias que apresentam as construções, semelhanças que evocam em nosso imaginário uma cidade que se ergue como nas urdiduras de um tapete e nela “reconhece-se o caminho perdido num fio carmesim ou anil ou vermelho” (CALVINO, 1990, p. 91). Aqui a cor funciona como traços que marcam os pontos de chegada, as referências para nos encontrarmos no emaranhado do grande tapete. Por exemplo, que nunca disse, “é logo ali perto da casa de cor verde, ou qualquer outra cor”, ao passar uma informação?. Ou seja, as cores das construções que se destacam em um lugar são como as marcas do tapete, apresentado por Calvino (1990) funcionam como referência.

Figura 13 – Fotografia do condomínio de casas.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

As construções que se destacam por suntuosidade no lugar Terra Vermelha também se impõem como se estivessem marcando uma posição, olhando para o alto, como se fosse um pedacinho da cidade “Irene” de Calvino (1990), pois a grande casa branca “magnetiza olhares e pensamentos” (CALVINO, 1990, p. 114). Silenciosa e pensativa observa o lugar como se estivesse com dois pares de olhos.

Figura 14 – Fotografia da casa verde.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

Nas nossas fantasias, a casa verde também se apresenta observando o lugar, vigiando, sempre do alto com olhar bem atento. Dentro dela “todos podem encontrar, escondidas entre os arabescos, uma resposta, as histórias de suas vidas, as vicissitudes do destino” (CALVINO, 1990, p. 91). Nos emaranhados do lugar ela, (a casa) estática orienta a todos, onde estão e para que lado devem seguir. No caminho, sem perceber, muitas vezes lembramos que é ao lado da casa verde que devemos dobrar a esquina.

Figura 15 – Fotografia da casa pequena.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

A casinha, pequena, encolhida atrás das grades, observando a todos, não é indiferente e também cumpre seu papel, aparece tímida atraindo o olhar de todos que passam por ali. Estabelece uma relação misteriosa com o lugar, quase um oráculo em meio a o grande tapete que é a cidade. Será que ela esconde algum segredo para continuar parecendo uma criança? Não sabemos! Melhor assim, pois enquanto olharmos através da moldura que a envolve, estaremos sempre com a sensação de que ali existe um segredo.

As construções do lugar revelam, através da fotografia, muitas fantasias no imaginário de cada um. Ao entrarmos em contato com as imagens das casas encontramos ressonâncias de nossa infância, pois na perspectiva de Bachelard (1993), a casa é o nosso lugar de segurança e conforto. Nesse momento o movimento de nossa imaginação consiste em buscar nas imagens bem simples, lembranças de acontecimentos felizes que marcaram nossa vida quando criança. Ou seja, as experiências felizes estarão sempre presente em nossas lembranças e, nelas qualquer pequena moldura fotográfica nos leva um “devaneio miniaturizante” (BACHELARD, 1993, p. 168).

d) EXPERIMENTAÇÃO 4: o que nos dizem as palavras do/no lugar?

Que poéticas nos suscitam as palavras que nos informam, orientam, instigam, convidam a tantas outras coisas? As palavras registradas pelas crianças são aquelas que fazem parte do nosso cotidiano. São as mesmas que fazem parte do vocabulário de nosso dia a dia demonstrando as grafias que marcam o lugar. Nesta perspectiva, questionamos: Que palavras grafam esse lugar? Que fabulações envolvem nosso sentimento poético quando percebemos que,

Muda a regra, muda o mapa,

Muda a trajetória

[...]

Só não muda a nossa história

(LEMINSKI, 2013, p. 193).

Figura 16 – Montagem de fotografias dos nomes e das palavras.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

Figura 17 – Fotografia do muro da escola Gov. Christiano Dias Lopes.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

*Esta língua não é minha,
qualquer um percebe.
Quando o sentido caminha,
a palavra permanece.
[...]
(LEMINSKI, 2013, p. 329).*

Figura 18 – Fotografia das placas das lojas do lugar.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

[...]

*Nome de bicho, nome de mês, nome de estrela,
nomes dos meus amores, nomes animais,
a soma de todos os nomes,
nunca vai dar uma coisa, nunca mais.*

[...]

(LEMINSKI, 2013, p. 193)

Figura 19 – Fotografia do nome da rua.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

[...]

*Cidades passam. Só os nomes vão ficar.
Que coisa dói dentro do nome*

*que não tem nome que conte
nem coisa pra se contar?
(LEMINSKI, 2013, p. 193).*

Encontrarmos nas ruas dos bairros da região:

*Nomes mais nomes igual a nomes
uns nomes menos, uns nomes mais
menos é mais ou menos,
nem todos os nomes são iguais
[...]
(LEMINSKI, 2013, p. 193).*

e) EXPERIMENTAÇÃO 5: a vegetação e a soberania da natureza na poesia de Fernando Pessoa

O lugar Terra Vermelha, sob o olhar de Fernando Pessoa (1993), se traduz poeticamente em muitas sensações, e nos enquadramentos fotográficos apresentados pelas crianças esse lugar se revela numa natureza onde “as árvores e as pedras bailam parados” (PESSOA, 1993, p. 52) exaltando a paisagem. Na perspectiva do quadro abaixo, figura 16, nosso pensamento se perde, pois não temos que pensar em nada quando vislumbramos, temos que sentir a natureza tomados por um êxtase onde:

*[...]
O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê,
Nem ver quando se pensa.
(PESSOA, 1993, p. 106)*

[...]
*De só sentir a terra e o céu
Tão belos de ser
Quem de si sente que perdeu
A alma p`ra os ter
(PESSOA, 1993, p. 68).*

Figura 20 – Montagem de fotografias da vegetação de Terra Vermelha.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

*A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
(PESSOA, 1993, p. 87 e 101)
[...]*

Figura 21: Fotografias das árvores.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

[...]

Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.

[...]

Por exemplo, a árvore antiga

A sombra da qual quando crianças

Se sentavam com um baque, cansados de brincar,

(PESSOA, 1993, p. 89).

Figura 22 – Fotografias da Vegetação.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

[...]

O melhor é ter ouvido

E amar a natureza

(PESSOA, 1993, p. 100)

[...]

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...

Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,

Mas, porque a amo, e amo-a por isso,

(PESSOA, 1993, p. 89).

3.5 ALÉM DO LUGAR COMUM: DESENCAIXES E DELÍRIOS

Segundo as concepções de Bachelard (2008) a liberdade e a imaginação poética permitem através das fotografias, a construção de inúmeros significados e passagens entre o lugar vivido e o lugar apresentado nos documentos fotográficos. Inseridos em um contexto provocador de muitas interpretações, na concepção do autor, nossa compreensão está ligada às subjetividades que transcendem esses limites que a realidade nos impõe.

Na perspectiva do autor, a imaginação nos permite divagar nas fotografias/imagens do lugar, através da imaginação poética, encontramos significados que permitem a construção de passagens entre o lugar vivido e o lugar apresentado. A experiência de fotografar sobrepõe o simples ato de utilizar uma câmera para registrar uma foto. Isso pode ser percebido nas fotos, uma vez que essas evidenciaram que as crianças não estavam preocupadas em fotografar coisas que nos remetem a um a relação utilitarista com o lugar e muito menos aspectos que nos apontam para a violência.

Ao encontrarmos as fotografias sem enquadramento, abriremos uma janela, e nela encontraremos outra. Aquela que nos permite a construção de fabulações que se manifestam além da moldura. Nesse momento, nos deparamos em um campo vasto para a produção de outras versões. Ou seja, ultrapassando os limites da

moldura adentraremos no imaginário poético e nele, somente as fabulações podem dar conta do que as crianças buscavam no ato de fotografar.

A partir daí, ao observar mosaico das fotografias abaixo, figura 18, encontramos outras fabulações possíveis. Delírios da imagem e da imaginação:

Figura 23 – Montagem de fotografias que fogem o enquadramento e as coisas do chão.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

Assim como pantanal de Manoel de Barros, no chão de Terra Vermelha:

Figura 24 – Fotografia da mangueira.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

*A criança observou que
a mangueira se esticava,
procurando incessantemente por um lugar,
se esticou pela grama, procurou seu caminho
e seguiu para além da moldura,
riscando o chão, em busca de outros objetivos,
sem se importar para que lado ela queria ir!*

Figura 25 – Fotografia das coisas do chão.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

*Sob os olhos atentos do menino,
o galho magrelo, fino e atrevido
sobe numa pequena pedra, será
que está tentando avistar o
caminho que segue a mangueira
ou será que procura outros caminhos?
Dúvidas?*

Figura 26: Fotografias da sombra e o monte.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

*Nas ruas de Terra Vermelha
O monte e a sombra,
Observam um ao outro,
Ele pensativo,
sabe que o tempo da sombra é breve,
mas ela voltará muitas vezes.
Também sabe que se aproxima
seu momento de ser consumido,
Ele indaga, como saber se um dia
irão se encontrar novamente?
Só o tempo dirá
Se haverá outros montes,
para com a sombra conversar!*

Figura 27 – Fotografias dos pés.



Fonte: Alunos da escola Alger Ribeiro Bossois, 2012.

*Os pés que entram no
lugar Terra Vermelha,
sorrateiros, sem barulho e sem marcas,
seguem e, somente a sombra o acompanha,
o persegue por onde quer que vá,
seguindo-o rumo a estrada
na poeira das ruas descalças,
os pés que caminham
naquele lugar procuram,
procuram e, se perdem na distância
em meio aos tantos outros pés que caminham
nesse mesmo lugar!*

CAP. 04

Lugar - de - presias



TERRA VERMELHA EM POESIA E IMAGENS

MARIA DA PENHA E A. CARLOS QUEIROZ FILHO



1

PESSOAS

e outros eus, Lispector!



PESSOAS

Cada pessoa uma história! Quantas histórias em um lugar...!? “Que desafio, hein?” (LISPECTOR, 1998, p.55). Em Terra Vermelha, cada pessoa é um fragmento das muitas narrativas que ali seguem tecendo a trama que constitui a vida. Cada uma com sua particularidade e sua subjetividade. Nessa teia de possibilidades que é a vida há aqueles que, como diz Clarice Lispector, estão sendo desenhados, aqueles que foram eleitos, os que são obedientes e os que escolhem a liberdade. Independente das escolhas, cada um tem sua história, e...

Nosso movimento de desterritorialização segue a perspectiva deleuziana na busca por uma saída, uma fuga, ou como diz Queiroz Filho (2012, p.107) um “desvio de olhar”. Desviar o olhar nesse caso é busca por outras grafias a partir de uma aventura imaginária, onde o fabular é fazer comunhão com a poesia.

*As pessoas mais felizes
não têm as melhores coisas.
Elas sabem fazer o melhor
das oportunidades que aparecem
em seus caminhos.*

Clarice Lispector

*Sou como você me vê.
Posso ser leve
como uma brisa
ou forte
como uma ventania,
Depende de quando e
como você me vê passar.*

Clarice Lispector





*Sonhe...
Com o que você quiser.*

Clarice Lispector



Seja o que você quer ser, porque você possui apenas uma vida e nela só temos uma chance de fazer aquilo que queremos. Tenha felicidade bastante para fazê-la doce. Dificuldades para fazê-la forte. Tristeza para fazê-la humana. E esperança suficiente para fazê-la feliz.

Clarice Lispector

PDE

UMEF ALGER RIBEIRO BOSSOIS

2

ANIMAIS

e os deslimites poéticos... feitos de Barros!

ANIMAIS

Nosso pensar, geralmente é orientado pela racionalidade, nem sempre compreendemos que para entender a vida “nos temos dois caminhos: o da sensibilidade, que é o entendimento do corpo; e o da inteligência, que é o entendimento do espírito” (BARROS, 1996, p. 212). Os poetas caminham fazendo uso da sensibilidade, criando e inventando, dando vida às coisas que os cercam. Segundo Manoel de Barros dar vida é olhar através da imaginação da criança, é propor o deslimite que nos liberta da razão adulta e mostra que a “poesia tem a função de pregar a prática da infância entre os homens” (BARROS, 1996, p. 311).

De acordo com os devaneios poéticos de Manoel de Barros, apresentamos as fotografias do lugar que demonstram, a partir do olhar criança, que a relação das pessoas com o lugar não esta pautada em uma relação de medo, pois a violência apresentada nos jornais não se manifesta nessas fotos e, todos, sem exceção capturaram muitas imagens dos animais que faziam parte do cenário naquele momento.





Nas fotografias apresentadas encontramos uma aproximação com o pantanal de Manoel de Barros, pois o poeta ao utilizar a imaginação criança para fez comunhão com os animais através de suas poéticas, revelando sua intimidade e paixão pelo lugar, (re) criando através da poesia territorios imaginários:

(...)

*Onde a criança diz:
eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não
Funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo,
ele delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta,
que é a voz
De fazer nascimentos –
O verbo tem que pegar delírio.*

Manoel de Barros

*Na manhã-passarinho
(...)*

*O menino pegou
olhar de pássaro*

Manoel de Barros





*O caracol que se arrasta sobre as pedras,
deixando um caminho de gosma
escrito com o corpo
[...]*

*Não tenho vasilha de dormir
Caracol de cipóal
nunca chega a ser
um caracol de paredes*

Manoel de Barros



*Na planície cavalo
mina em seu couro*

[...]

*O cavalo está enorme e
derrete-se*

Manoel de Barros





*A ciência pode classificar
e nomear órgãos de um sabiá
Mas não pode medir seus encantos.
A ciência não pode calcular
quantos cavalos de força existem
Nos encantos do sabiá.
Quem acumula muita informação
Pede o condão de adivinhar:
divinare.
Os sabiás divinam.*

Manoel de Barros

Apresentar o lugar colocando uma moldura nas fotografias dos animais que fazem parte da paisagem, não significa enclausurar imagem, mas sim, olhar para além daquela janela, e com os olhos da imaginação “divinar” os animais tal como fez Manoel de Barros em suas poesias. Pois se a racionalidade científica nos limita, a poesia nos permite perder a sensatez e entrar em delírio...



3

CONSTRUÇÕES

e a cidade imaginária, Calvino!

CONSTRUÇÕES

Com muita sutileza e imaginação Calvino apresenta várias cidades e suas diferentes peculiaridades. Assim como na crônica do autor as fotografias do lugar realça as cores e a forma estética. As crianças apontaram, através da subjetividade de cada um, uma sensibilidade que vai além de um simples registro. Pois ao procurar enquadrar as belezas, nas fotografias, encontramos elementos para produzir fabulações de um lugar que pode ser erguido ao atravessar a janela que emoldura as imagens das construções.





As fotografias a seguir se destacam no lugar, seja pelo tamanho, (a casa pequena e a casa muito grande), ou pelo colorido. Seja qual for o motivo, o curioso é que as imagens capturadas nos levam perceber que nesse momento o desejo das crianças se aproxima da proposta apresentada por Calvino na cidade de “Fedora”, pois “em todas as épocas, alguém [...] havia imaginado um modo de transformá-la na cidade ideal, mas, enquanto isso construía o seu modelo em miniatura, Fedora já não era mais a

mesma de antes” (CALVINO, 1990, p. 32). Nesta perspectiva o lugar que imaginamos aqui também foge ao que vivemos na realidade. Inspirados pela imaginação de Calvino, a o descrever a cidade de Eudoxia, encontraremos nas cores marcantes das fotografias que apresentam as construções, as semelhanças evocam em nosso imaginário uma cidade que se ergue como nas urdiduras de um tapete e nela “reconhece-se o caminho perdido num fio carmesim ou anil ou vermelho” (CALVINO, 1990, p. 91). Aqui a cor funciona como traços que marcam os pontos de chegada, as referencias para nos encontrarmos no emaranhado do grande tapete.

Por exemplo, que nunca disse, “e logo ali perto da casa de tal cor”, ao passar uma passar uma informação. Ou seja, as cores das construções que se destacam em um lugar são como as marcas de tapete, funcionam como referencia.



As construções que se destacam por suntuosidade no lugar Terra Vermelha se impõem como olhando para o alto, como se fosse um pedacinho da cidade “Irene” de Calvino (1990), pois a grande casa branca “magnetiza olhares e pensamentos” (CALVINO, 1990, p. 114). Silenciosa e pensativa observa o lugar como se estivesse com dois pares de olhos.





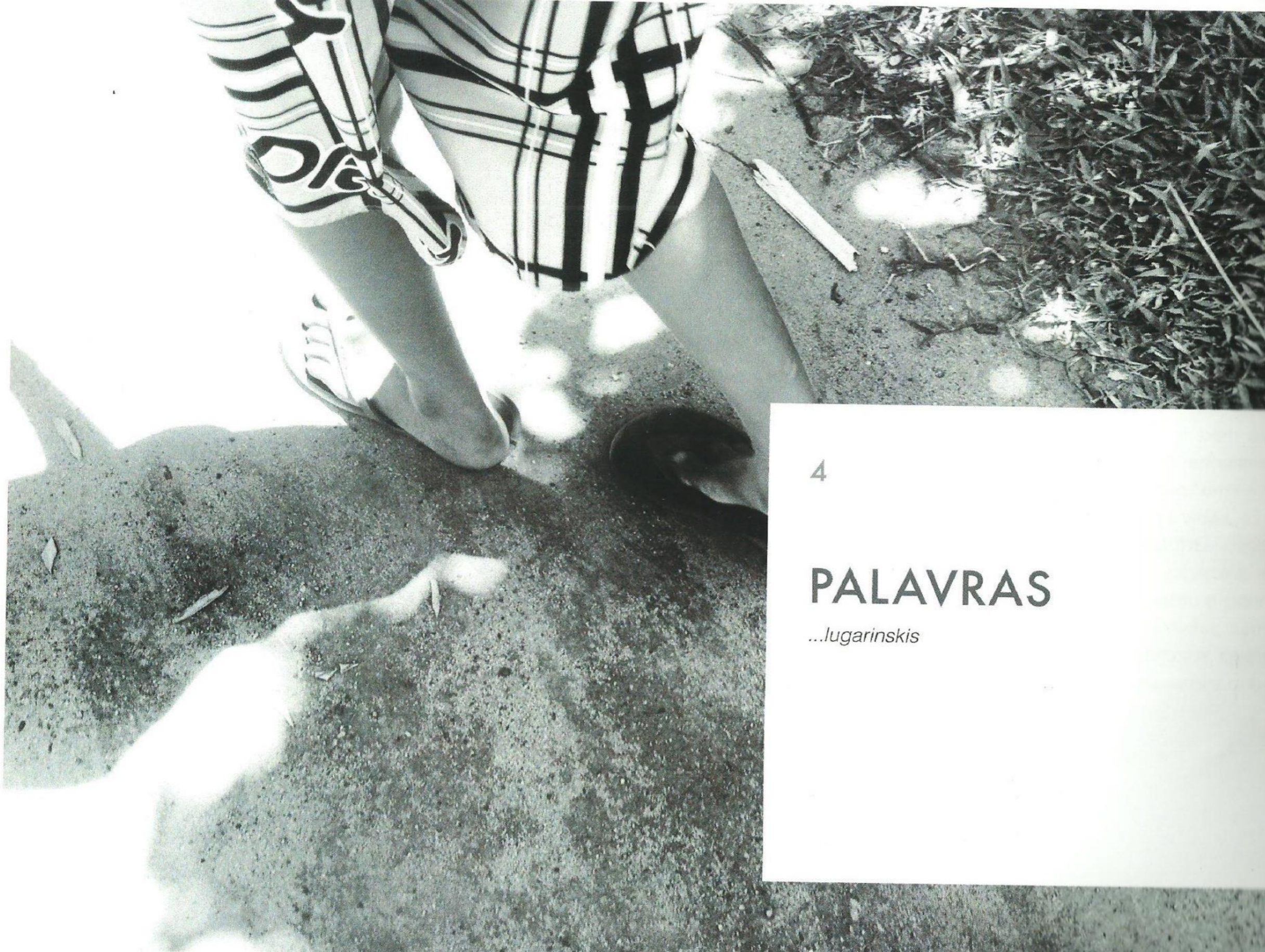
Nas nossas fantasias, casa verde também se apresenta observando o lugar, vigiando, sempre do alto e com olhar bem atento. Dentro dela “todos podem encontrar, escondidas entre os arabescos, uma resposta, a história historia de suas vidas, as vicissitudes do destino” (CALVINO, 1990, p. 91). Nos emaranhados do lugar ela, estática orienta a todos, onde estão e para que lado devem seguir. No caminho, sem perceber, muitas vezes lembramos que é ao lado da casa verde que devemos dobrar a esquina.



A casinha, pequena, encolhida atrás das grades, observando a todos, também cumpre seu papel, aparece tímida atraindo o olhar de todos que passam por ali. Estabelece uma relação misteriosa com o lugar, quase um oráculo em meio a o grande tapete que é a cidade. Será que ela esconde algum segredo para continuar parecendo uma criança? Não sabemos! Melhor assim, pois enquanto olharmos através da moldura que a envolve, estaremos sempre com a sensação que existe um segredo. Enfim, as construções do lugar provavelmente revelam, através da fotografia, muitas fantasias no imaginário de cada um. Ao entrarmos

em contato com as imagens das casas encontramos ressonâncias de nossa infância, pois na perspectiva bachelariana a casa é o nosso lugar de segurança e conforto. Nesse momento o movimento de nossa imaginação consiste em “examinar imagens bem simples, imagens de um espaço feliz” Bachelard (1993), de um lugar em que as experiências felizes estarão sempre presente em nossas lembranças, numa pequena moldura fotográfica nos levando um “devaneio miniaturizante” (BACHELARD, 1993, p. 168).





4

PALAVRAS

...lugarinskis

PALAVRAS

Que poéticas nos suscitam as palavras que nos informam, orientam, instigam, convidam, e tantas outras coisas?

As palavras registradas pelas crianças, são aquelas que fazem parte do nosso cotidiano. São as mesmas fazem parte do nosso dia a dia mostrando as grafias que marcam o lugar. Que palavras grafam esse lugar?

Que fabulações envolvem nosso sentimento poético quando percebemos que...

E Polo:

*— O inferno dos vivos não é algo que será; se e
e que já está aqui, o inferno no qual vivemos t
que formamos estando juntos. Existem duas man
frer. A primeira é fácil para a maioria das pesso
nferno e tornar-se parte deste até o ponto de d
-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e a
ntínuas: tentar saber reconhecer quem e o que
no, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaç*



*nomes mais nomes igual a
nomes
uns nomes menos, uns
nomes mais menos é mais
ou menos,
nem todos os nomes são
iguais
(...)*

Paulo Leminski

*Seja o que você quer
ser, porque você possui
apenas uma vida
e nela só temos uma
chance de fazer aquilo
que queremos.
Tenha felicidade bastante
para fazê-la doce.
Dificuldades
para fazê-la forte. Tristeza
para fazê-la humana.
E
esperança suficiente
para fazê-la feliz.*

Paulo Leminski



*Nome de bicho,
nome de mês,
nome de estrela,
nomes dos meus amores,
nomes animais,
a soma de todos os nomes,
nunca vai dar uma coisa,
nunca mais.*

Paulo Leminski



5

“NATUREZA”

em Pessoa

NATUREZA

*O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê,
Nem ver quando se pensa.*

Fernando Pessoa





O lugar Terra Vermelha, sob o olhar de Fernando Pessoa (1993), se traduz poeticamente em muitas sensações, e nos enquadramentos fotográficos apresentados pelas crianças esse lugar se revela numa natureza onde “as arvores e as pedras bailam parados” (PESSOA, 1993, p. 52) exaltando a paisagem. Na perspectiva do quadro abaixo, figura 16, nosso pensamento se eleva, pois não temos que pensar em nada quando vislumbramos, temos que sentir a natureza tomados por um êxtase.

*De só sentir a terra e o céu
Tão belos de ser
Quem de si sente que perdeu
A alma p’ra os ter*

Fernando Pessoa



*Por exemplo, a árvore antiga
Á sombra da qual quando crianças
Se sentavam com um baque, cansados de brincar...*
Fernando Pessoa



Há duas árvores iguais,

uma ao lado da outra.

[...]

A seguir e a olhar.

Toda a paz da Natureza sem gente

Fernando Pessoa





*O melhor é ter ouvido
E amar a natureza
(PESSOA, 1993, p. 100)*

[...]

*Eu não tenho filosofia: tenho
sentidos...*

*Se falo na Natureza não é porque
saiba o que ela é,*

*Mas porque a amo, e amo-a por
isso,*

Fernando Pessoa

DEVIRES

DEVIRES...

Com esta pesquisa percebemos que há muitas versões sobre um mesmo lugar e essas podem aparecer de maneira contraditória, e que independente das contradições todas estão intimamente ligadas ao modo como percebemos ou nos relacionamos com o/os lugar/es. Principalmente se considerarmos que há, na contemporaneidade, uma multiplicidade de verdades sendo produzidas pelos meios de comunicação de massa.

Nesse processo de difusão das informações encontramos, também, aqueles que estão a serviço do poder hegemônico e aqueles que suspeitam das verdades produzidas ou manipuladas, tal como apresenta Larrosa (2010), em “*Agamenon e seu porqueiro*” e, assim como o porqueiro, inquietos com o que tem sido apresentado a respeito do lugar Terra Vermelha, procuramos com o nosso experimento apontar que há outras possibilidades de se falar de um lugar.

Buscamos, juntamente com as crianças da região, a partir das fotografias e nas poesias produzir fabulações sobre o lugar, ressaltando que a nossa verdade está ligada a nossa imaginação. Nela, há um lugar poético, cheio de encantos, bem diferente daquele apresentado pelos meios de comunicação.

Ou seja, procuramos através da linguagem fotográfica e da imaginação poética, apresentar o lugar estabelecendo um diálogo entre a poesia e a fotografia numa relação em que o sensível se manifesta através do olhar das crianças e, ao mostrar o que não é exposto pelo discurso hegemônico pelas fabulações poéticas, encontramos um lugar mais próximo do sensível, daquilo que é o pulsar da vida, que se alimenta das fantasias que cada um acumula em suas vivências diárias.

Quando as fotografias nos revelam os cantos, os encantos, o chão, as brechas e outros pontos nunca observados no dia a dia, exaltam pontos únicos, singulares que só são percebidos quando as imagens dos pequenos fotógrafos aguçam a nossa sensibilidade e o nosso imaginário ressaltando a importância daquele lugar.

Nosso esforço se concentrou na tentativa de mostrar que não podemos reduzir o lugar a um único discurso, o da violência, por exemplo. Pois ali como em qualquer outro lugar há um pulsar de vidas, sejam elas humanas ou não. E, como a vida é uma criação que envolve o sensível, não há nada mais pulsante que as experiências que se manifestam a partir da criatividade e da imaginação. Pois:

A Vida é renascer constantemente, a todo tempo e todo instante. Por conseguinte, a Vida é metamorfose, arte. A Vida nunca nasce, quem nasce são os indivíduos. A Vida renasce dos indivíduos: a Vida sempre renasce nos indivíduos [...]. A Vida não é uma, mas muitas; são todas as que tivermos a potência de inventar e criar, conjugando nosso viver com a Vida que em si mesma é criação, Arte (SOUZA, 2010, p. 16).

Embora, seja do conhecimento de todos que os índices de criminalidade são altos naquela região e, que o lugar por muitas vezes tem sido apresentado por meio de imagens que nos remetem à ideia de violência, cabe lembrar que, com este experimento encontramos, através da beleza da poesia, um lugar nos possibilitar e buscar em nossas lembranças de infância sentimentos muito próximos da intimidade apresentada por Manoel de Barros quando fala do Pantanal de Mato Grosso.

Assim como nas palavras do poeta, as fotografias daquele lugar ressoam em nós como eco de nossa infância. São imagens que nos levam a mergulhar em nossa intimidade, nas lembranças de nossa infância, principalmente quando achamos,

[...] que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade (BARROS, 2008, p. 59).

Concluimos que as crianças ao fotografar não estavam preocupadas em moldar a realidade. Com isso nos revelam na leveza das fotografias que a história dos lugares menos favorecidos podem e devem ser contadas a partir de suas belezas.

Também, no decorrer deste trabalho, fomos contaminados pela euforia dessas crianças, isso despertou em nós a necessidade de produzir um caderno de poesia e um vídeo¹³ em agradecimento a importante contribuição. Tamanho foi entusiasmo que também sentimos o desejo de apresentar os resultados junto ao grupo, na escola, pois a maioria dos (as) meninos (as) do Programa Mais Educação,

¹³ Cf: < <http://youtu.be/eN1b3zC1LbM> >, 2013.

mesmo com todas as peraltices, demonstraram muita satisfação em contribuir com essa tarefa, tão minha quanto deles (as).

Ciente que todos (as) seguem enfrentando os desafios da vida, deixando suas marcas, suas grafias no espaço fazendo e refazendo suas histórias, deixamos nossa gratidão.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antonio de Pádua Denasi, 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BECHARA, Ivanildo. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

BARROS, M. de. **Gramática Expositiva do Chão: Poesia Quase Toda**. Rio de Janeiro: Civilização, 1996.

_____. **Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

_____. **O livro sobre o nada**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

_____. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

_____. **Poemas rupestres**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Minardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. Tradução Eloisa de Araújo Ribeiro: revisão filosófica Renato Janine Ribeiro. São Paulo. Brasiliense, 2007.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. I. São Paulo, Ed. 34. 2004.

_____. **Kafka: Para uma literatura menor**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

_____. **O que é a filosofia?**. Trad. PRADO JUNIOR, Bento e MUNOZ Alberto A. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GALVEAS, Homero Bonadiman. **A História da Barra do Jucu: Gênese da Cultura Capixaba**. Desenvolvimento sócio cultural da Grande Vitória. ES, 2005.

HAESBAERT, Rogério e ARAÚJO, Frederico G. B. (Orgs.). **Identidades Territoriais: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Acses editora, 2007.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Edições Loyola, São Paulo, 1998.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Ed., Jorge Zahar, 1996.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Trad. Lourival Holt Albuquerque. São Paulo: Abril, 2010.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo horizonte: Autêntica, 2010.

LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Ed. do autor, 1964.

_____. **Para não esquecer**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

_____. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Pequenas descobertas do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MARICATO, E. **Metrópole, legislação e desigualdade**. Estud. av. vol.17, nº. 48, São Paulo, maio, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 02/04/12.

MASSEY, Doreen. **Um sentido global de lugar**. In. ARANTES, Antonio A. (Org.). O espaço da diferença. Campinas, SP: Papiurus, 2000.

_____. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. **Imaginando a globalização**: geometrias do poder de tempo-espaço. Revista Discente Expressões e Geografias. Florianópolis, 2007, n. 03, p. 142 – 155. <www.geograficas.chf.ufsc.br>. Acesso em 08/04/2012.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M. **Desenhos e escutas**. SP. 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT12-1877--Int.pdf>>. Acesso em 08/04/2012.

_____. **Fotografias e conhecimentos do lugar onde se vive**: notas sobre linguagem fotográfica e atlas municipais escolares. 2009. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/24300221/Fotografias-e-Conhecimentos-Do-Lugar-Onde-Se-Vive>. Acesso em: 10/12/2012.

_____. **Fotografias que falam alto do que vem a ser o (nosso) mundo**: o caso do encarte “Megacidades”, do jornal “O Estado de São Paulo”, 2009.

_____. **Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores**. Proposições. Vol. 20. nº 3, Campinas, 2009. <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 27/08/2012.

_____. **Geografias de cinema: outras aproximações entre imagens e sons dos filmes e os conteúdos geográficos.** In: Congresso Brasileiro de Geógrafos, 6, 2004, Goiânia. Anais. Goiânia: AGB, 2004.

_____. **O que seriam as geografias de cinema?** 2005. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/atelaetexto/revistawenceslao.htm>> Acesso em 12/12/11.

PESAVENTO, Sandra J. Imagens, memória, sensibilidades: territórios do historiador. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra J. (Orgs.). **Imagens na História.** São Paulo: Aderaldo & Rotschild, 2008.

PESSOA, Fernando. **Guardador de rebanhos e outros poemas.** São Paulo: Cultrix, 1993.

QUEIROZ FILHO, A. Carlos. **A edição dos lugares: sobre fotografias e a política espacial das imagens.** 2010. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index>>. Acesso em 06/04/12.

_____. **Geografias televisivas: imaginação espacial, política e cultura.** 2010. Disponível em: < www.agb.org.br/evento/download >. Acesso em 20/10/10.

_____. **Poéticas urbanas e suas geograficidades: desaprendendo a gramática visual do mesmo.** Revista geograficidade. <<http://www.uff.br/posarg/geograficidade/revista/index.php/geograficidade>>. No Prelo.

SANTOS, Maria da Penha e QUEIROZ FILHO, A. Carlos. **Narrativas em imagens: versões do lugar-Terra Vermelha.** 2012. Disponível em: <<http://www.eng2012.org.br/>>. Acesso em 22/10/12.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória.** Tradução; Hildegard Feist. São Paulo. Companhia das Letras, 2009.

SIQUEIRA, Maria da Penha S. **Industrialização e empobrecimento urbano: o caso da Grande Vitória, 1950-1980.** Vitória: Edufes, 2001.

SOUZA, Elton L. Leite. **Manoel de Barros: a poética do deslimite.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente.** Trad. Hossein Shooja e Isabel Santos. Lisboa: Relógio D'água, 1992.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo.** Trad. Caio Liudvig. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.